



DEPARTAMENTO DE TAQUIGRAFIA, REVISÃO E REDAÇÃO

NÚCLEO DE REDAÇÃO FINAL EM COMISSÕES

TEXTO SEM REVISÃO

COMISSÃO DO ESPORTE			
EVENTO: Audiência Pública	REUNIÃO Nº: 0754/15	DATA: 28/05/2015	
LOCAL: Plenário 4 das Comissões	INÍCIO: 10h58min	TÉRMINO: 13h00min	PÁGINAS: 51

DEPOENTE/CONVIDADO - QUALIFICAÇÃO

Marcus Vinicius Freire - Superintendente Executivo de Esportes do Comitê Olímpico Brasileiro.

SUMÁRIO

OBSERVAÇÕES

NOTAS TAQUIGRÁFICAS SEM REVISÃO, APENAS PARA CONSULTA.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Bom dia a todos.

Esta reunião de audiência pública da Comissão do Esporte está sendo realizada em razão da aprovação dos Requerimentos nºs 1, 28 e 39, de 2015, de iniciativa dos Deputados Deley, José Rocha, Valadares Filho, João Derly e Damião Feliciano, que têm como objetivo debater a participação da delegação brasileira no 17º Jogos Pan-Americanos, o de Toronto 2015, bem como tratar da delegação brasileira, dos preparativos e dos treinamentos das modalidades esportivas brasileiras para os Jogos Olímpicos de 2016.

Comunicado. Para dar início às apresentações convido a sentar à mesa a S.Sa. o Sr. Marcus Vinícius Freire, Superintendente Executivo de Esportes do Comitê Olímpico Brasileiro — COB. (*Palmas.*) Convido também a compor esta Mesa os nossos ex-atletas do vôlei, assim como nossos convidados: a Sra. Adriana Brandão Behar, atual Gerente de Planejamento Esportivo do Comitê Olímpico Brasileiro, e o Sr. Bernard Rajzman, Diretor Técnico do Comitê Olímpico Brasileiro, que acompanham o convidado, o Sr. Marcus Vinícius. (*Palmas.*)

Antes de passar às exposições, desejo informar as regras de condução dos trabalhos desta audiência pública. O convidado deverá limitar-se ao tema em debate e disporá de 20 minutos para as suas preleções, não podendo ser aparteado. Após as exposições, serão abertos os debates. Os Deputados interessados em interpelar os palestrantes deverão inscrever-se previamente e poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da exposição pelo prazo de 3 minutos. Será permitida a réplica de qualquer participante que seja citado durante os debates.

Passo a palavra ao Sr. Marcus Vinícius Freire.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Bom dia, Sr. Presidente, Ilmo. Deputado Alexandre Valle. Bom dia, Deputados.

É um prazer voltar à Casa. Ontem estivemos aqui para falar de legado e hoje vamos falar do que mais gostamos: de atletas. Aqui nesta Mesa, nós temos quatro medalhas olímpicas e mais de dez medalhas em mundiais. Eu acho que isso representa bem o nosso papo de hoje. Vamos falar de atletas.

Depois nós vamos começar com um filme. Eu vou fazer um pedaço da apresentação. A Adriana Behar, duas vezes medalhista olímpica, líder do *ranking* mundial durante 10 anos — para chegar a primeiro no *ranking* é difícil, né, Deputado



Deley, mas ficar 10 anos lá em cima deve ser nada fácil —, vai fazer a maior parte da apresentação.

Mas eu quero começar com o nosso diretor técnico, o Bernard Rajzman, medalhista olímpico, medalhista mundial. É o único brasileiro, hoje, membro do Comitê Olímpico Internacional. Está no rol da fama do vôlei mundial. Os dois estão, na verdade. Estou muito bem acompanhado hoje pelo rol da fama brasileiro no mundo.

Então peço que o nosso diretor e chefe da missão em Toronto — o Bernard é o chefe da missão brasileira nos Jogos Pan-Americanos de Toronto — faça uma pequena introdução para depois começarmos a apresentação.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Obrigado, Marcão.

Bom dia a todos.

Meu caro Deputado Alexandre Valle, muito obrigado mais uma vez.

Eu gostaria, antes de qualquer coisa, de dizer da preocupação — não me lembro de quem foi o Deputado que disse — em estarmos desde as 9 horas da manhã. De fato, estávamos, porque o esporte é uma coisa muito regrada. Se você não chega na hora do treino, você não treina ou pode ser multado; na hora do jogo, você não joga.

Eu, que fui parlamentar no Rio de Janeiro por dois mandatos como Deputado Estadual, sofri muito. (*Riso.*) A Comissão começaria às 9 horas, mas começava às 10 horas e meia, 11 horas. Eu chegava na hora. Não é uma crítica, não. É uma questão cultural que existe, e estamos preparados para isso.

Mas essas palavras iniciais são mais para, primeiro, testemunhar mais uma vez o comprometimento desta Comissão, desta Casa e dos Srs. Deputados com a importância do que representa o esporte para o nosso País. É nada mais do que, exatamente, o Brasil vivendo este momento de uma Olimpíada em casa, pela primeira vez na América do Sul. Pela primeira vez o Brasil faz e mostra para o resto do mundo a sua competência, a sua capacidade, passando obviamente pela inclusão dos Jogos Pan-Americanos, que vão ser hoje o nosso tema aqui. São dois brilhantes expositores que são os nossos executivos na casa, o 01 e o 02.

Agradeço, mais uma vez, porque nunca nos faltou apoio a nenhum movimento olímpico brasileiro nem a movimento esportivo do nosso País desta



Comissão, de todos os projetos de lei que sempre passaram por aqui. Historicamente, desde a década de 80, eu frequento esta Comissão e sei o quanto ela é importante e o quanto repercute e o quanto é fundamental o trabalho de V.Exas.

Obrigado a todos.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Eu vou começar aqui da frente e vou iniciar com um vídeo em homenagem ao nosso campeão mundial João Derly, porque ele fala exatamente dos medalhistas que estavam em Londres conosco. É só para contextualizar o nosso papo de hoje.

(Exibição de vídeo.)

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - E, em homenagem aos 200 e poucos milhões de brasileiros, eu vou passar a camisa do Time Brasil ao Presidente desta Comissão, representando todos os demais. *(Manifestação no plenário.)* Eu tinha que dar para o Presidente em exercício. Não tenho como fazer diferente.

Vamos fazer todos juntos, então. Chegue aí, Behar. Vamos quebrar o protocolo, Bernard. *(Risos.)*

(Segue-se exibição de imagens.)

O Time Brasil para nós são os 600 atletas que vão ao Pan daqui a 40 dias, representando os 200 milhões de brasileiros. O Presidente está no papel de todos os brasileiros que vão torcer por essa molecada.

O nosso papo hoje é sobre a preparação dos nossos atletas para os Jogos Pan-Americanos, daqui a 42 dias, e os Jogos Olímpicos, daqui a pouco mais de 400 dias. Sobre Toronto, nós vamos falar de informações gerais e do Time Brasil lá, depois, sobre o Rio, de toda a programação nossa.

Nós desenhamos — eu mostrei ontem aqui e tenho para entregar a todos os Deputados — o mapa estratégico que nós desenhamos, em 2009, e o passo a passo que nós fizemos em 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013, até chegar agora, em 2015, faltando...

Está aí? É isso. Eu acho que dá para... Você pode nos ajudar com esta distribuição? *(Pausa.)* Estes são o mapa estratégico e o nosso folder. Pode deixar aqui. São os dois: um deste e um deste para cada um. Acho que, para os Deputados que estão aqui, há tranquilamente um para cada um.



É o nosso planejamento. Nós começamos, em 2009, para podermos chegar em 2016. Vamos falar um pouco. Aí há todas as informações. Se os senhores precisarem, vamos tirar as dúvidas, mas aqui vamos falar mais da competição.

Os Jogos Pan-Americanos de Toronto começam no dia 10 de julho. Nós sairemos daqui, eu, Bernard e Behar, no final de junho, já daqui a 1 mês, no dia 26 ou 27. Partiremos para Toronto para fazer a confirmação da delegação. Depois, os jogos começam no dia 10. No dia 8, haverá o hasteamento da bandeira brasileira na vila pan-americana.

São 36 esportes e 52 modalidades. Por que 52, se nos Jogos Olímpicos há 42? Os Jogos Pan-Americanos têm algumas modalidades que não são olímpicas: *squash*, esqui aquático, boliche, pelota basca. Há esportes que são dessa região. Muitas vezes o Brasil não leva equipe. No caso da pelota basca, nós não temos esse esporte no Brasil. Mas, por isso, há um número maior de modalidades. São mais de 6 mil atletas, 16 dias de competição e 375 eventos com medalhas.

Toronto se preparou muito bem para esses jogos. É um exemplo. O Sistema Nacional de Esportes, que o Ministério usa para tentar mexer na lei e trazer o pré-projeto para cá, usou o Canadá como base, porque realmente eles têm um desenvolvimento muito legal.

Este é o Parque Pan-Americano, muito próximo à torre, que é o símbolo de Toronto, e muito próximo ao estádio, onde vai ser a abertura, e também da vila pan-americana.

Uma dificuldade para nós é que nós levaremos mil pessoas para os Jogos Pan-Americanos. São 618 atletas e mais 300 e poucos técnicos, auxiliares técnicos, médicos, massagistas, cuidadores de cavalos, os (*ininteligível*), em espanhol. Como se chama em português? (*Pausa.*) São os cavalariços.

Então nós temos uma delegação de quase mil pessoas completamente espalhada. Há modalidades no centro. Para quem conhece Toronto, Toronto tem duas grandes universidades: a Universidade de Toronto, com 75 mil alunos, e a Universidade York, com mais de 55 mil alunos. Então são quase 140 mil alunos em uma cidade só de nível universitário. Para quem tiver oportunidade, é um belíssimo case esportivo e educacional.



Mas eles fizeram jogos muito pegados, muito concentrados em legado e os distribuíram pela cidade. É como se, no Rio de Janeiro, fizéssemos o vôlei em Nova Iguaçu, o basquete em Campo Grande e o vôlei de praia em Niterói. Eles fizeram isso em Toronto. Então é difícil para operacionalizarmos, mas é muito bem pensado para o legado, porque há o uso pré hoje. Essas comunidades já usam essas instalações. Elas vão cedê-las durante os jogos. O projeto pós Jogos Pan-Americanos já está montado. Eu tenho a impressão — eu, intimamente — de que Toronto vai se candidatar aos Jogos Olímpicos pelo trabalho que fez nesses Jogos Pan-Americanos e tem instalações para isso.

Daqui eu vou passar para as duas vezes medalhista olímpica e primeira do *ranking* mundial, durante 10 anos, Adriana Behar, que hoje é Gerente-Geral de Planejamento Esportivo do COB, tocar a apresentação.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Obrigada, Marcão.

Bom dia a todos.

Eu vou detalhar um pouco mais a preparação do Time Brasil para Toronto e, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Em cima das características que o Marcão apresentou dos Jogos Pan-Americanos, temos três principais objetivos da delegação brasileira para esses jogos: superar o número de atletas classificados na última edição dos Jogos Pan-Americanos — nós já o alcançamos, e eu vou mostrar —, ficar em *top 3* no *ranking* final, no quadro final de resultados dos jogos e, obviamente, testar processos, pessoas, projetos como uma forma de antecipar a missão brasileira, em 2016.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Dri, deixe-me falar um pouco do *top 3*? Os Jogos Pan-Americanos dos Estados Unidos é *hors concours*. A delegação que eles levarem é sempre a primeira com uma distância grande das demais. Em algumas modalidades, eles não levam o primeiro time.

Nós sempre vínhamos brigando com Cuba, e, atualmente, Cuba vem em uma ladeira abaixo, e o Canadá vem ladeira acima. O Canadá fez os jogos de Vancouver e ficou em primeiro lugar no inverno. Foi muito bem em Sochi, foi muito bem nos últimos jogos de verão e vai disputar conosco em 2016. A meta deles para 2016 é igual a nossa: ficar no *top 10*. Eles nunca ficaram como nós nunca ficamos também. Nós ficamos em 15º, e eles ficaram em 16º ou 17º, nas últimas Olimpíadas. Então a



nossa briga vai ser com o Canadá nesse *top 3*. Depois de nós, virão Cuba e os países da América do Sul com uma distância bem grande. Venezuela, Colômbia e Argentina vêm melhorando, mas ainda distantes dos demais países.

O Deputado João Derly foi aos Jogos Pan-Americanos. Foi ao de Winnipeg? *(Pausa.)* Foi ao da República Dominicana e ao do Rio. As duas vezes em que eu fui chefe de missão, o Derly era meu atleta na delegação e foi medalhista nos dois. Em um? *(Pausa.)* Só no do Rio, né?

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Em cima, então, da evolução da participação brasileira nos Jogos Pan-Americanos, nós, hoje, temos 588 atletas já classificados e a expectativa de chegarmos aos 606 atletas classificados. Comparando com as edições passadas, a evolução no número de atletas participantes é obviamente atrelada à classificação. Então, isso é o desenvolvimento, a melhoria esportiva dos atletas brasileiros, que vêm se destacando no cenário pan-americano.

É importante ressaltar que o número total de 660 atletas classificados foi na edição dos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. Como o Marcão falou, quando os jogos são em casa, existe obviamente maior possibilidade, maior interesse, vagas garantidas, por ser país sede, e aí o quantitativo sempre é bem maior. Há um crescimento de 17% em cima da classificação total de atletas. O Brasil estará presente em todas as modalidades olímpicas e em cinco modalidades pan-americanas, como o próprio Marcão já falou.

Preparação do Time Brasil. Essa preparação está aí, próxima dos jogos, mas ela já acontece há bastante tempo com reuniões individualizadas com cada modalidade, em que temos um livro de cada modalidade dentro de um planejamento 2015/2016. Então nós já temos mapeado todo o planejamento de cada modalidade para esse ciclo, até 2016.

Em 2014, no ano passado, nós começamos com um curso de capacitação de chefes de equipe, que são os líderes das modalidades dentro da delegação. São os responsáveis por fazer todo o trabalho de planejamento e de operação durante os jogos com a delegação brasileira, liderando profissionais, comissões técnicas e atletas da delegação brasileira durante Toronto. E houve as visitas prévias a Toronto para entender a logística, a estratégia que o Time Brasil utilizará durante os jogos



para oferecer o melhor suporte para a delegação brasileira no período em que ela estiver presente em Toronto.

Estratégia de suporte ao Time Brasil. Entendendo a característica dos jogos, a logística necessária e o atendimento estratégico para cada modalidade — como o Marcão falou da Universidade York, que é uma das melhores, é a segunda maior universidade da cidade —, o COB fechou um acordo com a universidade, e a universidade vai ser à base do Time Brasil, o quartel general do Time Brasil, em Toronto, onde nós poderemos oferecer um atendimento e uma aclimatação em períodos de treinamentos específicos para as modalidades que lá estarão antes e durante os jogos.

Há o exemplo do tênis e atletismo, em que as competições oficiais serão neste local. Então os atletas brasileiros estarão próximos, a 50 metros de distância, do local onde dormem, onde se alimentam, onde treinam e onde competem. Isso é uma qualidade de serviço que o COB já vem oferecendo à delegação brasileira.

Para o judô, as lutas e o basquete, há uma base de aclimatação e treinamento para as modalidades específicas, para terem uma melhor preparação no momento que antecede os jogos, trabalhando antecipadamente uma logística que será também aplicada, em 2016.

O voleibol terá uma instalação específica que o Comitê Olímpico do Brasil fechou com o George Brown College, onde terá um espaço dedicado 24 horas somente para o voleibol de quadra masculino e feminino.

Dentro dessa estratégia de haver uma vila e cinco subvilas, nós temos, para cada local onde há delegação brasileira, uma equipe do COB alocada para dar todo o suporte esportivo, logístico, médico para todos os atletas e todos os oficiais que integrarão a delegação brasileira.

Estas são algumas fotos do quartel general do Time Brasil com instalações, local de treinamento, dormitórios, instalações médicas. São 270 camas que nós disponibilizaremos para atletas, oficiais credenciados e oficiais não credenciados. Por quê? Porque o serviço que o COB oferece para os atletas é para garantir a melhor estada e a melhor preparação. Oficiais não credenciados são oficiais que estrategicamente entendemos que são importantes de estarem lá para poder dar um melhor suporte. Então este é o QG, o quartel general, do Time Brasil dentro de



Toronto. E esta também é do George Brown, o *college* com quem nós fechamos a parceria, o acordo para suportar as equipes de voleibol de quadra masculino e feminino.

Obviamente, próximo da vila, há instalação de treinamento, salas de reunião, academia e todo o suporte necessário para os atletas e a delegação. (*Manifestação no plenário.*) São só do Brasil. São instalações exclusivas para o Brasil, que o Comitê Olímpico do Brasil fechou justamente para criar um quartel general, até seguindo modelos que nós já fizemos em Londres, em outras edições dos jogos e que normalmente são espaços exclusivos que conseguem dar um atendimento melhor para modalidades estrategicamente definidas dentro do nosso planejamento.

Aqui é um vídeo do Crystal Palace, que foi o quartel general em Londres. Os senhores vão entender o tipo de serviço que oferecemos.

(*Exibição de vídeo.*)

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Este vídeo mostra os serviços e os tipos de atendimento que nós oferecemos para a Delegação brasileira. A proposta é seguir esse mesmo nível de atendimento e de serviços para os Jogos Pan-Americanos e, obviamente, conseqüentemente, para os Jogos do Rio de Janeiro.

Dentro da logística dos jogos, em que há uma vila principal e cinco subvilas, essa é a visão macro do planejamento na qual a gente identifica locais específicos de competição por modalidade, um cronograma geral do programa esportivo dos jogos e o detalhamento, a divisão dos responsáveis no Comitê Olímpico Brasileiro pelo suporte, atendimento e acompanhamento para determinada modalidade.

Este é um exemplo mais detalhado de modalidades, como o *triathlon*, a maratona aquática, o *rugby*, o esqui, o voleibol de praia e o voleibol de quadra: há os locais das competições, o cronograma de competições finais masculinas e femininas.

Cada gestor do COB é responsável por um grupo de modalidades, compreendendo a questão da logística, a estratégia da logística de localidade e do cronograma de atendimento por competição, compreendendo, obviamente, a prioridade de cada modalidade dentro dos Jogos Olímpicos. Há modalidades que classificam — os Jogos Pan-Americanos são classificatórios para os Jogos Olímpicos —; há modalidades que pontuam para o *ranking* olímpico e há



modalidades que participam dos jogos como uma preparação antecipada para os Jogos Olímpicos em 2016.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - Sr. Presidente, V.Exa. vai querer abrir perguntas para o Pan-Americano, ou a gente continua com as Olimpíadas, fala das duas, e, ao final, responde?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Vamos continuar e fazer as perguntas ao final.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - Então, nós vamos mudar um pouquinho. Nós estamos falando da preparação para daqui a 40 dias e, agora, nós vamos continuar com a preparação para daqui a 400 dias.

O Pan-Americano, para nós, é um degrau, é um *step* em direção ao Rio de Janeiro, fez parte da nossa programação desenhada em 2009. Então, aqui, a gente vai entrar agora nos detalhes maiores do que estamos preparando para o ano que vem.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Deixe-me só interferir 1 segundo, Adriana, com relação ao que ela falou da classificatória. Os Jogos Pan-Americanos, em algumas modalidades, classificam para as Olimpíadas. Isso atrai os melhores atletas. Quanto mais atletas de ponta estiverem prestigiando o evento, naturalmente ele vai ser maior.

Então, existe uma tendência na maioria das federações internacionais de fazer com que, nos Jogos Pan-Americanos, a maioria das modalidades assim o faça, para que se possa, de fato, valorizar o atleta, para que venham os melhores. Isso não vai acontecer, por exemplo, com o vôlei masculino do Brasil, que não irá porque a Liga Mundial vai ser realizada aqui em julho no Maracanãzinho, como evento-teste.

Esse é um dos exemplos.

(Não identificado) - Depende da modalidade.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - Depende da modalidade.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Depende da modalidade.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - A maioria delas, não.



O SR. BERNARD RAJZMAN - Torna-se classificatório para a Olimpíada. Isso acontece.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - Vamos lá. Continuando.

(Segue-se exibição de imagens.)

Essa aqui é a base do Rio de Janeiro. Os Jogos Olímpicos estão divididos em quatro grandes *clusters*: Deodoro, Maracanã, Copacabana e Barra da Tijuca. Em função disso, desenhamos uma estratégia para saber onde o nosso time vai ficar; que alojamento precisamos na cidade; onde ficarão os não credenciados e os credenciados.

A Adriana vai explicar daqui para frente.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - O Marcão falou do Pan-Americano. Agora, vou falar do Rio 2016.

Os números gerais.

A cerimônia de abertura dos Jogos vai ser no dia 5 de agosto, e o seu encerramento será no dia 21 de agosto.

Estamos falando de 28 esportes. As informações gerais estão no mesmo conceito. Abrange 41 modalidades. A previsão é de que 10.500 atletas estarão no Rio de Janeiro competindo nos Jogos. São 16 dias de competição e 326 eventos com disputa de medalha.

Esses são os números gerais.

E as fases de planejamento para o Rio 2016.

Aqui, sumiu. Não está dando para ler direito. É classificação e preparação. Para cada modalidade, há critérios de classificação, regras de classificação. Algumas modalidades, por ser País-sede, têm vaga garantida. Para vaga garantida há também regras específicas por modalidade.

Então, acompanhamos e aliamos junto com cada modalidade a regra, o modelo de classificação e a estratégia de classificação para podermos ter os melhores atletas e as melhores modalidades representando o Brasil em 2016.

Essa fase já começou e ela praticamente se encerra no dia 23 de junho de 2016, quando encerra o credenciamento, quando tem que definir nome a nome de atleta que estará competindo em 2016.



Essa classificatória iniciou agora no início de 2015, que é a corrida olímpica para quase todas as modalidades. E nesse percurso algumas modalidades já vão definindo a classificação, mas a data final de classificação é 23 de junho de 2016.

Temos o período de Pré-Jogos. Nós estamos considerando esse momento final de preparação das delegações, com a delegação já definida. Esse período seria de 24 de junho a 23 de julho.

Os Pré-Games, que é efetivamente o período em que começam os Jogos, em que a Vila Olímpica abre. A Vila Olímpica abre dia 24 de julho.

E a partir daí nós consideramos o Games Time, que é o período efetivamente dos Jogos.

Obviamente, Pós-2016, temos a partir do dia 22 todo o trabalho após 2016. O Marcão já deve ter falado do legado, de tudo o que acontece na previsão do pós-2016.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - É logo depois. E é outro Comitê.

(Intervenção fora do microfone. Ininteligível.)

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Não, não. É logo em seguida.

O SR. MARCUS VINICIUS FREIRE - Há um período de 9 dias de transição das instalações para começar os Jogos Paraolímpicos.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Mas é outro Comitê. Há o Comitê Paralímpico.

Em cima disso, só uma visão geral macro, quando identificamos onde as modalidades vão estar, qual o tipo de equipamento esportivo, a instalação esportiva, a necessidade específica de cada unidade. Esse é o cenário macro da localização das modalidades. Quando estamos falando de modalidades, estamos falando de atletas, do time Brasil.

Então, há concentração maior no Rio de Janeiro, com 12 modalidades, e em São Paulo. E, dividido pelo País, temos Brasília, com saltos ornamentais, Minas Gerais, Sergipe, Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul.

Temos ainda, nesse último quadro, algumas análises que estão ainda estão sendo feitas obviamente de acordo com a classificação. É importante dizer que há modalidades que já têm vagas garantidas, por sermos País-sede, e outras



modalidades em que os atletas têm que buscar as suas vagas dentro do *ranking* internacional, do *ranking* olímpico.

Então, em cima disso, ainda há algum planejamento que vai ser fechado, obviamente de acordo com a classificação, com a validação de equipes e atletas, dentro dos Jogos Olímpicos, representando o Brasil. Em cima da operação Time Brasil, seguindo o mesmo conceito do tipo de serviço oferecido para a Delegação, em que o COB controla e monitora mais próximo todos os atletas, nós temos o Quartel General do Rio de Janeiro, que será na Urca, na CCFEX, ESEFEX, em que há um grande número de modalidades que terão atendimento especializado e próximo do Comitê Olímpico brasileiro.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Vou complementar aqui: o Deputado perguntou se o Cristal Palace, em Londres, ficou exclusivamente para o Brasil? Nós, aqui no Rio de Janeiro, negociamos três anos antes e fechamos a Escola de Educação Física do Exército, na Urca e um pedaço da Escola Naval. É só o Brasil que está lá dentro, lá existe alojamento, lá tem comida, treinamento, fisioterapia e médico. O mesmo projeto, cujo resumo apareceu no filme, temos na Escola de Educação Física em parceria com as Forças Armadas, o que é importante para o esporte brasileiro.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Na Escola Naval, como o Marcão falou, algumas modalidades ela consegue atender pela logística e instalações esportivas; temos instalação na Barra da Tijuca, em que também teremos espaços dedicados a modalidades como o basquete, voleibol de praia e voleibol de quadra. O judô já tem uma logística montada em Mangaratiba, que é local de treinamento da delegação e que fica a 1h e 30min do Rio de Janeiro. Os atletas irão descer escalonados para a competição.

Vamos fazer isso no Pan-americano. Nós vamos fazer uma prévia em Mangaratiba um ano antes dos Jogos Olímpicos. A York também será a base do judô. Eles também descerão escalonados. Descer é sair da base concentrada e entrar na Vila Olímpica ou Vila Pan-americana.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Deixe-me explicar. Nós estamos há muito tempo nesse trabalho. Já fui a 12 Jogos Olímpicos: verão, inverno e juventude. Um jogando e onze cuidando da delegação. Qual é a preocupação? Por



que você faz isso se há local oficial de treino? Por que você faz isso se você deveria estar treinando no Maracanãzinho.

Vocês imaginem chegar a uma mesma cidade, em qualquer lugar do mundo, 11 mil atletas, de 41 modalidades diferentes. Todo querendo treinar: todo mundo quer piscina, todo mundo quer um campo, não há cidade nenhuma no mundo. Nós fizemos esse tipo de montagem. Para a China, por exemplo, nós ficamos em Macau e Tóquio, no Japão. Quando foi na Europa, nós ficamos em 14 diferentes países. Agora, em Londres, nós nos concentramos no Cristal Palace, mas usamos o *(Ininteligível)* também.

É impossível, nenhuma cidade do mundo consegue receber e nenhum técnico desse nível, o Joneli conhece bem, quer treinar só uma hora, meia hora, que eles dão no local oficial. Na praia, quando você vai treinar, a dupla que vai jogar contra você está te vendo antes ou a dupla que irá treinar depois está olhando o que você está fazendo. Bernardinho e José Roberto só fazem treino fechado. O treino oficial, que você vai fazer para conhecer o ginásio, graças a Deus, será no Maracanãzinho vai ficar mais fácil porque eles já o conhecem bem.

Agora, vocês imaginem um time que acabou de treinar vai ficar lá sentado na arquibancada olhando seu treino e o time que vai chegar para o treino depois irá ficar sentado. Por isso, a gente tem locais exclusivos para o Brasil, que poderá escolher a hora que irá treinar, se quiser fechado ou aberto, se quer deixar ou não a imprensa entrar, a regra passa a ser nossa. Por isso, essa estratégia de ter locais do quartel general do Brasil.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Complementando, principalmente, você tem a disponibilidade de escolher horários, de acordo com os seus horários de jogos, e ter a instalação totalmente dedicada e disponível para os atletas e para os técnicos.

Essa é a operação macro para a Rio-2016, já com a definição das modalidades de locais exclusivos de operação, dedicados às modalidades. Essa é a apresentação macro para a Rio-2016 e pan-americanos. Estou aberta — e acredito que todos nós — para responder a qualquer pergunta.



O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Finalizadas as apresentações, concederei a palavra aos inscritos. Concedo a palavra ao Deputado Deley.

O SR. DEPUTADO DELEY - Sr. Presidente, agradeço, mais uma vez, ao Marcão, ao Bernardo e à Adriana.

Iria fazer uma pergunta, mas o Sílvio a antecipou. Os Estados Unidos não devem levar o seu primeiro time, não é? Seria o único. Você vai anotando Marcão. É só para a gente saber, o que vocês estão esperando, qual o nível técnico que a gente vai encontrar nesse Pan-americano. Vocês já falaram que o voleibol masculino não vai. Será o único. Vou fazer uma pergunta a vocês. Estava aqui acompanhando essa questão da CBF, de futebol. Ontem, eu já tive a chance de falar ontem que a gente espera muito, muito, vocês estão com uma responsabilidade muito grande de que realmente a gente consiga fazer uma grande Olimpíada, que a gente consiga fazer um grande evento e que, posteriormente, possamos olhar para trás e sentir muito orgulho de tudo isso que, principalmente, os que estão à frente, estão fazendo.

A pergunta é para 3 ex-atletas. Vocês viram que ontem eu estava perturbando o (*ininteligível*). Você estava falando que o Canadá está vindo forte. Se vocês tivessem oportunidade, Bernard, qual o modelo que vocês indicariam para a gente? Porque o COB, obviamente, cuida da ponta, mas tudo você tem um começo. Na cabeça de vocês, como deveria ser? A gente sabe que a maioria das nossas escolas não têm quadra. A gente tem uma carência enorme de um monte de coisas. Eu gostaria de aproveitar esta oportunidade e ouvir isso de vocês.

Uma outra coisa, eu vou aproveitar que aqui estão três monstros do voleibol. Há pouco tempo, tivemos problemas com o Banco do Brasil e a Confederação de Voleibol. Eu gostaria que vocês, dentro do possível, explicassem um pouco melhor o que está havendo. Parece-me que o Banco do Brasil suspendeu o patrocínio ao voleibol.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Deputado Deley, gostaria de fazer um aparte a V.Exa. Nós temos um seminário. A Comissão está acompanhando o sistema e o plano nacional. Faremos um seminário em junho, entre 22 e 23, para acompanharmos o sistema de outros países.



Nessa discussão que o Ministério está fazendo, com várias entidades e representações, a consultoria está indo, os secretários Parlamentares estão participando dessa discussão. Eu acho, então, que seria importante estar presente para participar. Acho que o conteúdo desse seminário será importante e muito bom.

O SR. DEPUTADO DELEY - Não tenho dúvida. Eu espero Deputado João, nós estamos aqui há 4 mandatos e já fizemos 3 Conferências Nacionais do Esporte, mas que cujas decisões não foram colocadas em prática. Inclusive a gente lamenta isso. Outro dia eu falei que ali dentro há um material espetacular, que passou pela opinião de várias pessoas capacitadas.

Fico muito feliz. Vejo o Comitê Olímpico dando oportunidade a ex-atletas. O futebol, muitas vezes, faz o contrário. Eu estou tendo uma divergência muito grande aqui com o CREF. Eles estão com um projeto, inclusive o Deputado José Rocha está contrapondo esse projeto. Eles querem obrigar o jogador do futebol, ou quem quer que seja, a ser formado em educação física.

Depois que parei de jogar, consegui fazer o meu curso de administração esportiva. Eu não discuto que é importante ter uma boa formação. Adriana, você é formada, não é? O Marcão, o Bernard. Mas eu acho um absurdo eu ter que chegar para o Bernard e dizer o seguinte: de acordo com o CREF, Bernard, você não poderá ter uma escolinha de voleibol. As trezentas mil horas de treinamento que você tem, o seu notório saber, as não sei quantas mil horas que você competiu não valem nada.

Isso, então, para mim, é reserva de mercado. Eu já avisei ao Presidente do CREF. Nós vamos ter um embate muito duro aqui dentro do plenário. Eu entendo o seguinte: com todo o respeito ao professor de educação física, mas não será ele, que tem 60 horas, dentro do curso inteiro, da matéria Futebol, que vai saber quem passou 20 mil horas treinando, 10 mil horas jogando, enfim.

Obrigado, mais uma vez, pela presença de vocês, que é um prazer muito grande, não só pela amizade, mas pela torcida em que nós ficamos para que dê tudo certo. Às vezes nós podemos falar alguma coisa que não seja muito simpática, mas podem ter certeza de que nós torcemos por vocês e sabemos da competência que têm. Tomara que tudo dê muito certo!



O SR. BERNARD RAJZMAN - Queria só fazer um pequeno aparte com relação a essa questão da educação, porque o meu amigo Deputado Deley, grande tricolor, citou meu nome.

Com relação exatamente à questão do atleta que se preparou, não se formou, mas tem uma vida espetacular e conhecimentos muito maiores do que qualquer aluno de Educação Física, existe uma classe, dentro do Conselho Federal de Educação Física — CONFEF ou dos CREFs, que é a do profissional classificado de Provisionado, aquele que atua na área, mas não é formado nela. Esse é o caso do Bernardinho, por exemplo — estou dando um exemplo só para vocês entenderem. Ele não é formado em Educação Física, mas tem uma carteira que lhe permite ser treinador de voleibol. Ele não é preparador físico nem vai cuidar de outra coisa. Essa é a classe do Provisionado.

O SR. DEPUTADO DELEY - Isso é verdade, mas, segundo o projeto que está em tramitação aqui, Bernard, o profissional tem que ser formado como professor Educação Física. Eu me sinto...

O SR. BERNARD RAJZMAN - Não vou entrar nesse mérito.

Eu sinceramente desconheço o projeto. Eu gostaria até de poder ajudar, por que...

O SR. DEPUTADO DELEY - Eu me sinto muito...

O SR. BERNARD RAJZMAN -... fui um dos padrinhos, aqui nesta Casa, que lutou pela regulamentação da profissão.

O SR. DEPUTADO DELEY - Sim.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Fui considerado padrinho da causa.

Acho que as coisas têm que se adequar à “modernidade”, como se fala no Nordeste, de uma forma que não agrida ninguém.

Eu me coloco à disposição para ser coordenador e tentar ajudar.

Eu acho que é muito importante que nós tenhamos, sim, profissionais qualificados e competentes.

O SR. DEPUTADO DELEY - Claro.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Antigamente, qualquer um dava aula. Podia-se lesionar, machucar, ferir e até matar uma criança. Por exemplo, a uma pessoa cardíaca, dava-se bomba, como acontece ainda hoje.



O elemento que fiscaliza isso são os conselhos. Essa é a principal função deles. Eles vão, através de denúncia, a locais para buscar quem não tem a formação e pode lesionar, ferir ou matar.

Não estou dizendo que eu sou contra o que você colocou, estou apresentando a realidade nua e crua.

O SR. DEPUTADO DELEY - Claro.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Eu participei, nesta Casa, do projeto que regulamentou a profissão de Educação Física, que tramitou durante 20 anos. Eu fui um dos principais interlocutores dele aqui, semanalmente, e a sua aprovação foi uma conquista. Se essa conquista, que é de 1998, não alcançou ainda uma forma 100% correta, há outras profissões, como a Fisioterapia, que saiu da Educação Física, que estão aí há 50 anos e que continuam lutando por uma melhor condição para atender a sociedade de uma forma melhor.

Então, nós temos que lutar, sim, correr atrás do que é necessário, do que precisamos, de uma forma que nós consigamos contemplar todos os interesses de uma só vez.

O SR. DEPUTADO DELEY - Presidente, só para concluir o debate, sou totalmente a favor do que o Bernard falou. Sinto-me muito à vontade quanto a isso, Bernard.

Você sabe que eu fui Secretário de Esporte de Volta Redonda, hoje considerada, numa pesquisa que foi feita no Rio, a cidade com o melhor Índice de Desenvolvimento Esportivo. A Adriana nos deu o prazer de fazer uma visita à cidade e viu a nossa estrutura. Então, eu sou um incentivador.

Eu acho que, se o jogador de futebol, como outros atletas, por exemplo, jogadores de vôlei, enfim — ontem isto até foi comentado —, não se preparar, é difícil ajudar, mas, aí, vai se falar que ele não pode ter pelo menos uma escolinha, que ele não tem nada para passar, que ele não tem essa capacidade? Não estou dizendo que ele deva se meter na questão da parte física, de ser um preparador físico.

Acho que o preparador físico é um profissional que enriqueceu demasiadamente o esporte. Antigamente você não o tinha, como na nossa época lá no Fluminense, não é, Bernard? Quer dizer, preparador físico era uma figura tímida



dentro do processo. Hoje ele é fundamental, até pela evolução tecnológica e física que houve dentro dos esportes. Dizer, porém, que ex-atletas não podem atuar na área é um negócio complicado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Com a palavra o ilustre Deputado José Rocha.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Desculpe, Deputado José Rocha.

O Deputado Deley teve a liberdade de falar bastante tempo, o que foi muito importante. Queria agora só sugerir que ele fique até o final para ouvir todos nós, que queremos também aprender.

O SR. DEPUTADO DELEY - Poxa, eu sempre fico, Deputado Silvio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Está com a palavra o Deputado José Rocha.

O SR. DEPUTADO JOSÉ ROCHA - Ilustre Presidente Alexandre Valle, quero cumprimentar esses atletas orgulho do nosso voleibol brasileiro e mundial, o Bernard, o Bernard Rajzman, Marcus Vinícius Freire, Adriana B. Behar, que têm colaborado muito nesta Casa.

Há pouco, eu brincava com o Bernard e disse: *você vai ter que trazer um colchão para a Câmara tantas vezes como o Vinícius, o Bernard que têm estado aqui em diversas Comissões como convidados e aqui sempre solícitos, contribuindo com o nosso trabalho nesta Casa.*

O colega dele abordou a questão do nosso projeto, projeto de nossa autoria que regulamenta a profissão de treinador de futebol e oportuniza aos treinadores que não dispõem do curso superior em Educação Física que possam exercer a sua profissão desde quando uma equipe já conta com preparador físico, que realmente, esse sim, tem que ser formado em Educação Física.

Deputado Deley, nós já encontramos o entendimento com o CONFEF, os CREFs, no sentido de entender essa questão. Já se convenceram disso. O projeto terá a Relatoria aqui, na Comissão do Esporte, com o nosso colega, Deputado Evandro Roman. Esse entendimento está bastante avançado. S.Exa. vai certamente falar sobre isso oportunamente.

Quero aqui parabenizar o COB pela preparação desse maior evento que vai se realizar aqui, no Brasil, em 2016, que são os Jogos Olímpicos e Paralímpicos.



Isso é importante para nós, brasileiros, amantes do esporte. São 200 milhões de brasileiros que amam o esporte. Poderemos ter a oportunidade em 2016 de apagar o 7x1 de 2014 e vibrar com essa posição almejada de tornar e manter o Brasil uma potência olímpica, conseguindo a 10ª posição dos Jogos Olímpicos em 2016. Esse é um objetivo. Vocês estão muito bem preparados. Estão muito bem sintonizados. Estão muito bem dirigidos. Acho que vamos conseguir, sim, essa meta que coloca o Brasil numa posição importante no âmbito mundial. Estamos aqui para sermos parceiros, para colaborarmos. E vamos fazer isso a todo o momento. E vamos em frente. Com certeza, 2016 nos espera aí com muitas medalhas e com a posição importante do Brasil nesse evento que vai ser visto e aplaudido pelo mundo inteiro.

Parabéns!

Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Com a palavra o Sr. Deputado João Derly.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Sr. Presidente, gostaria, primeiro, de cumprimentar os nossos convidados, nossos ídolos do esporte: o nosso querido Marcus Vinícius Freire, o Bernard Rajzman e a querida Adriana B. Behar.

Tentamos aglutinar para não desgastar vocês. Queríamos tratar da preparação dos atletas para os Jogos Olímpicos e também aproveitamos os Jogos Pan-americanos.

Somos uma Subcomissão que trata dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Já ouvimos o Comitê Paralímpico e agora podemos ter um pouquinho da explanação e saber um pouquinho mais. Acho que é importante nos passar nas apresentações. Acho que isso fundamenta ainda mais... Estou na Relatoria, principalmente cuidando dessa parte da preparação dos atletas.

Não sei se ficou bem claro ou não percebi que também está acontecendo muito coisa no celular que às vezes acabamos... Não sei se peguei bem... Se a climatização já está definida por países, para os Jogos Pan-Americanos; quanto tempo antes vão estar presentes no país. É em York, a grande maioria dos atletas vai estar neste local. É só para nós sabermos qual o período em que cada modalidade vai chegar. E também, em relação aos Jogos Olímpicos, não sei se você chegou a por as datas. É importante nós sabermos as datas, os períodos.



(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Ótimo. É importante nós termos esta informação. O Brasil vai para os Jogos Pan-Americanos com força máxima? Em quais modalidades não vai e por qual razão? Eu sei que os Estados Unidos, é praxe, na natação, por exemplo, nunca vão com o principal time. Então quero saber quais os times nós temos e em quais modalidades nós vamos ter os principais atletas nos Jogos Pan-Americanos.

Eu achei muito importante ver, nos Jogos Olímpicos de Londres, uma alimentação própria. Se não me engana, nos Jogos Pan-Americanos de 2011, em Guadalajara, houve muito problema com a alimentação, por causa dos temperos. Houve atletas que tiveram problemas até durante as competições. Na China, sim, nos jogos da China, se o atleta saísse do local, poderia sofrer graves problemas com a alimentação. Então, eu acho que é fundamental e importante essa preocupação.

Como em Santo Domingo, eu acho que foi muito interessante a atuação do Comitê Olímpico em se propor, como era muito quente, a por ar condicionado nos quartos. Isso foi fundamental. Era impossível dormir à noite, se o ar não estivesse ligado. Era muito quente e o local comprometia muito. Eu acho que atitudes dessas, pensando no todo, desde um pequeno detalhe como a alimentação, pode fazer grande diferença numa competição. Se o atleta não está bem, se está indisposto, pode chegar à competição e não ser bem sucedido. Então, quanto melhores as condições para os nossos atletas, principalmente próximo ao momento da competição, é fundamental. Nós temos o número da comissão técnica que vai, nas comitivas tanto dos Jogos Pan-Americanos, quanto dos Jogos Olímpicos?

Eu acho que locais específicos exclusivos para a preparação, para a climatização, até durante as competições, são importantíssimos. No Mundial de 2007, no Rio de Janeiro, e no Mundial de 2013 do Judô, foi fundamental isso, por quê? Havia televisão e vídeos dos atletas até durante a competição. Não é o caso de 2007. Eu posso comentar melhor, porque, em 2013, eu estive nos bastidores. Passei o tempo todo lá com os atletas. Corria para assistir e ficava no aquecimento deles lá. Isso estruturava bem. Os atletas tinham as condições melhores. E, nos adversários que iam surgindo pela frente, nós conseguíamos pegar vídeos. Hoje, a Confederação Brasileira de Judô tem um banco de imagens gigantesco.



Conseguíamos pegar informações mais atuais em relação ao estilo de luta de cada adversário, até de alguns que não são tão conhecidos. E isso ajudou muito até na estratégia de luta na competição. Então, é fundamental e importantíssimo ter este cuidado de ter um local exclusivo. Isso ajudaria muito e funcionaria, como já funcionou bem, no caso dos nossos atletas.

Então é isso. Vamos pegar as informações e passá-las. Quero cumprimentar pelo trabalho. Eu sei que é uma dedicação grande. Eu tive a primeira viagem de jogos num projeto-piloto dos Jogos Mundiais da Juventude. Eram chamados Jogos Mundiais da Juventude. Foi na Rússia, em 1998 ou 1999, uma coisa assim. Então, em relação àquela experiência lá e a evolução de hoje nas condições dadas aos atletas, parabéns, tenho que cumprimentar o Comitê Olímpico, principalmente por este cuidado com os atletas.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Concedo a palavra ao Deputado Hélio Leite.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, eu quero iniciar, parabenizando os autores do requerimento, que proporciona este momento tão importante para todos nós, em que nós podemos ouvir como está o avanço nesta grande Comissão de ídolos do esporte brasileiro.

Quero também fazer algumas perguntas. Primeiro, fico feliz quando percebo aqui a evolução, cada vez mais, do aparato que vai haver, para que nós possamos ter muito sucesso. Mas eu sou do Estado do Pará e é evidente que lá nós não temos a oportunidade que tem quem está aqui nos grandes centros, até pela prática do esporte, com vários aparatos como ginásio, centro de treinamento e algumas coisas muito maiores.

Eu quero parabenizá-los. Eu acho que estão no caminho certo. Vocês são perfeitos, porque têm a experiência de vida para poder colocar na prática, não é verdade? E isso é fundamental, porque vocês conhecem os meados. Conhecem da hospedagem para a formação, vocês conhecem o que é preciso, até a emoção. Fico feliz por vocês estarem fazendo esta parte importante. Se nós colocássemos pessoas com experiência em outros segmentos, nós teríamos muito mais sucesso. Parabéns a vocês pelo que fizeram, pelo que estão fazendo e pelo que vão fazer pelo nosso País.



Eu gostaria de dizer que, quanto ao rendimento, estou achando que a estrutura está boa. Mas quero sugerir, como Parlamentar do Estado do Pará e deste Brasil, que nós possamos também, o COB, ter outra preocupação. Se o rendimento está andando bem, tudo bem. Mas eu acho que é preciso também o COB, depois deste momento, voltar à sua formação. Temos que ver o que podemos fazer para oportunizar novos atletas a terem a chance que vocês tiveram para chegar aonde chegaram. Eu acho que é preciso formatar o que vai acontecer, mas também ter uma base para oportunizar jovens e adolescentes que estão precisando de oportunidade. A droga tem avançado. Eu tenho dito isto nesta Casa. A droga tem avançado. Hoje, as oportunidades têm sido menores. Só consegue oportunidade quem se destaca sendo um atleta de primeira linha imediatamente. E os outros ficam relegados a não ter um treinamento, a não ter uma oportunidade.

Eu queria sugerir a vocês que estudassem o que nós podemos fazer para formatar estes centros de treinamento.

Eu falei aqui para o Ministro em audiência e falei há pouco tempo no plenário sobre uma ideia que tenho. Eu fui Prefeito de uma cidade. Quando Prefeito, eu construí 32 ginásios poliesportivos na cidade. A maioria desses ginásios é em conjunto com áreas educacionais, com a escola. Eu vejo que o jovem adolescente está precisando desta formação. E quem estuda nas escolas já está num grande nicho, já está na formação de ir à aula e praticar um esporte.

Eu sugeri ao Ministro da Educação, quando fui lá, e ao Ministro do Esporte aqui que façam um projeto diferenciado, que façam um projeto, na construção de uma escola, também de um aparato esportivo ao lado da escola, para se fazer educação física e para a prática do esporte. Essa seria uma ação conjunta que poderia dar um rendimento muito maior para todos nós. Vai-se tirar o aluno da questão da droga, vai-se oportunizar ao aluno a condição de poder avançar cada vez mais, buscando aquilo que é fundamental, que é incentivar para que ele possa ser um atleta de ponta no futuro.

Então, eu gostaria de pedir a vocês do COB, primeiro, que fizessem um projeto voltado a esta questão; segundo, para que descentralizem, para oportunizar a nós da Região Norte para que possamos formar grandes atletas. O nosso atleta,



às vezes, desponta e não consegue avançar. Ele fica lá e acaba sem usar o potencial grande que tem.

Eu queria deixar ao COB essa questão. Quero dizer que é importante o que vocês estão fazendo. Eu acredito em vocês, como desportista que sou, porque sei da capacidade de cada um, do que já fizeram todos nós vibrarmos neste Brasil.

E eu quero deixar esta contribuição: que não só tratem do rendimento, mas tratem da formação do rendimento. Vocês terão uma escolha muito maior e muito mais oportunidades de avançar cada vez mais.

Eu queria só fazer um comunicado e uma consulta. O Deputado Deley apresentou um projeto de lei do qual eu sou o Relator, dando isenção de IPI para a compra de equipamentos. Eu achei bacana. Mas eu também gostaria de ouvir a opinião de vocês, porque vocês têm experiência em vários cantos. É importante relatar este momento.

No mais, eu queria parabenizar todos vocês, desejar sucesso. Que vocês possam continuar com o trabalho.

Volto a dizer, nós precisamos cuidar da formação da base. Nós estamos preocupados com as Olimpíadas, com os jogos, com um bocado de coisas. Esse aparato está bom, mas, se não houver base, nós não conseguiremos, amanhã, ter atletas do quilate dos senhores e do meu parceiro aqui ao lado.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Com a palavra o Deputado Evandro Roman.

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Sr. Presidente, quero parabenizar a iniciativa de todos os requerentes desta audiência e cumprimentar todos os meus grandes ídolos. Neste momento, agradeço aos senhores que, muitas vezes, nas manhãs de domingo, entravam em nossas casas e nos davam emoção e alegria. E essa é a grande força do esporte, a força do ídolo.

Eu tenho uma admiração muito grande pelo ídolo, porque ele nunca morre. O ídolo se eterniza no coração das gerações. E isso acontece, realmente, com quem tem. Falo isso como um desportista — não de alto rendimento —, como alguém que sempre teve essa valorização nos períodos do Maracanãzinho, com o nosso amigo Bernard.



Então, para nós, tudo isso aqui é uma marca que carregamos. Quando nós nos encontramos, quando eu os vejo, tenho a mesma sensação. É como se eu estivesse vendo os senhores no período áureo, porque isso ficou no coração e na alma de cada um de nós, principalmente na minha.

Esse é o início da minha fala dentro de uma ação muito direta. Gosto, sou apaixonado por esporte...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Nós continuamos no período áureo...

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Na parte de gestão.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Com a responsabilidade dobrada.

O SR. DEPUTADO EVANDRO ROMAN - Justamente, na parte de gestão.

Eu diria até, Deputado, que os senhores pegaram toda a vivência, a disciplina de um atleta, a força de um combatente — abdicaram, muitas vezes, de uma alimentação, de uma vida noturna, de uma vida social — e trouxeram essa doutrina e essa disciplina para a vida. Hoje, os senhores conseguem levar isso para a gestão. E a gestão precisa muito disso, dessa força que os senhores têm.

Eu tenho alguns pontos em relação à questão... Dentro de um entendimento, é impressão minha ou a mídia deixou de investir um pouco nos Jogos Pan-Americanos? E isso fez com que, realmente, caísse um pouco... Eu não sei se eu vivia isso muito mais intensamente, mas, na década de 1980, 1990, os Jogos Pan-Americanos eram uma festa — aguardar a chegada daquelas disputas memoráveis que nós tínhamos tanto no voleibol como no basquete —, mas parece que isso se esvaziou. Em um entendimento não preciso dos senhores, mas, talvez, até mesmo em um achismo que nunca se pode precisar, isso é uma soma de fatores e não somente um fator? O que levou a isso? Isso nos faz falta.

A segunda questão é: Qual é a expectativa dos senhores em relação a este Pan-Americano, em um período pré-Olimpíadas, de preparação bastante direta? Qual é a expectativa de que isso, realmente, possa dar um grande resultado?

E outro item que eu coloquei é sobre o nível administrativo e organizacional. Eu tive a oportunidade, como Secretário do Esporte e do Turismo do Estado Paraná... Estive direto com o senhor né, Marcus? E a forma como os senhores



conduziram todas as competições, desde os jogos escolares, que passaram a ter o controle... Parabens-os fortemente por tudo isso.

Também aproveito a situação para fazer um complemento sobre a questão de autoria do Deputado José Rocha, que é a regularização dos treinadores. Isso foi citado pelo Deputado Deley, e eu acredito que ele teve um entendimento muito bom. A relatoria veio para mim. E quando se trata, Deputado Deley, de categorias adultas e profissionais está havendo um bom entendimento entre o Conselho Regional de Educação Física — CREF, o Conselho Federal de Educação Física — CONFEF e a autoria — e nosso também, dentro da relatoria —, de que isso pode ser trabalhado por pessoas que têm experiência, mas que busquem as qualificações.

Seja pelo provisionado, dentro da questão do entendimento da sociedade ou do sindicato que os atletas têm, eu acho que isso tudo é uma linha profissional — quando se trata do alto rendimento, do nível profissional; quando se está, muitas vezes, ancorado por auxiliares técnicos de informação; quando se tem o profissional de educação física como preparador físico e todos os demais entendimentos.

Com muita sutileza e muito respeito, primeiro pela força do ídolo, o que V.Exa. sempre teve como atleta de nível nacional da Seleção Brasileira, eu discordo do ponto em que V.Exa. diz que não pode haver uma escolinha. É bem nesse ponto que eu falo que não pode entrar uma pessoa sem formação, é bem nesse ponto, no momento de formação dessa criança, desse jovem atleta, que há um desenvolvimento psicomotor, um desenvolvimento da sua personalidade e há um confronto muito grande entre idade biológica e idade cronológica. Ou seja, um atleta de 13 anos, ele pode estar total e biologicamente diferente de um atleta da mesma idade dele, inclusive de mês. E esse entendimento quem o terá é um profissional com formação. Então, eu digo que podemos discutir tranquilamente o que se passa numa categoria profissional, mas eu acredito que, nas categorias até o período de formação, de crescimento, desenvolvimento e maturação dessa criança, nós não podemos discutir. Isso tem que ser feito por profissionais da área de educação física.

E, com todo o respeito, muito respeito mesmo pelas horas de vivência que um profissional, como V.Exa. teve como atleta — 20 anos, 25 anos, talvez dentro, e isso a vivência não pode ser desprezada —, mas eu gosto sempre de usar um exemplo,



quando se fala em formação, que é um aspecto, que diz o seguinte: minha avó materna teve 18 anos, durante praticamente 30 anos e isso não fez dela uma obstetra. Ela tem uma vivencia, no máximo, uma parteira, mas não fez dela uma obstetra. Então, nesse ponto, eu digo, é prematura, você dizer “Olha, o profissional, porque viveu durante 25 anos, ele tem a possibilidade de ser um treinador, principalmente em formação”. Então, eu diria, nós temos um grande cuidado, um grande entendimento de que precisa de um profissional da área. Isso aconteceu com médicos onde tinham os curandeiros, depois, foi evoluindo. Eu falo que é o conhecimento num período de formação do ser humano. Eu acho que é um ponto que nós temos que levar bastante em consideração. Mas respeito, sempre tivemos um excelente diálogo aqui. É um entendimento.

Eu parablenizo, fechando realmente, porque acabam os itens entrando, porque são levantados e dessa forma nós temos os entendimentos. Então, quero parabenizar realmente vocês. E obrigado por vocês terem feito essa doação nesse período e nessa fase da vida de vocês e que essa chama do ídolo de vocês sempre continue nos alegrando da mesma forma que fizeram nos tempos áureos da grande juventude. Continuam jovens, não é, mas da grande juventude. Obrigado!

O SR. DEPUTADO DELEY - Presidente, eu não vou falar agora, eu vou esperar os outros Deputados falarem até depois para poder...Eu gostaria, antes que os nossos convidados, só para a gente se contrapor aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Deputado Silvio Torres com a palavra.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Obrigado, Sr. Presidente!

Eu quero cumprimentar os nossos convidados, agradecer-lhes a presença mais uma vez. Eles são realmente muito prestativos, gentis e atendem todos os nossos convites, o que não é muito comum, é bom que se diga, viu Marcos?

Mas, olha, acabaram entrando num assunto que não é exatamente o assunto que os trouxe aqui. Então, também não consigo ficar sem dar o meu palpite. Eu também já passei por várias discussões sobre o mesmo problema aqui e tenho um ponto de vista que se aproxima um pouco do que já foi falado aqui pelo colega.

Você pode ter toda a condição de conhecimento esportivo, atlética, até questões fisioterapêuticas, mas, para você ser alguém que vai ensinar,



principalmente jovens, crianças que passam por idades, normalmente começa-se a praticar com 7 anos, 8, anos, 10 anos, na puberdade, na adolescência, em períodos muito complicados para a vida das pessoas, precisa também ser acrescido de conhecimentos adicionais de como lidar. Nós temos exemplos já conhecidos de pessoas não formadas, também tem formados, mas a grande maioria não formada, que sob o manto de escolinhas têm deformado, com atitudes até não muito claras, de pedofilia e outras questões que acabam desviando a personalidade. Mas eu acho que o Deley tem razão, temos que aproveitar. E a única sugestão que eu gostaria de deixar, se fosse possível, o Deputado José Rocha está aí ainda, é também uma pergunta: É possível, durante um ciclo esportivo, porque, acho, hoje, o Brasil, felizmente, está passando por outro patamar de desenvolvimento do esporte, especialmente nos esportes olímpicos, quero elogiar aqui os avanços que eu tenho percebido claramente, ministrar já algum tipo de curso de formação técnica? As pessoas ficam disponíveis, elas têm tempo para isso, acho que têm vontade, eu acho que aproveitar esse tempo que eles têm para dar a eles formação, já poderiam sair formados, habilitados para algum trabalho. Eu queria só agregar aí talvez, levar lá para o Nuzman. Eu acho que o Governo inclusive tem recursos adicionais para isso, tem PRONATEC, tem tanto recurso.

Mas, passando ao assunto de hoje, não sei se der tempo, eu gostaria de ter, pelo menos, uma rápida visão das metas físicas — aqui, todo o planejamento estratégico está muito bem feito e tal, mas das metas físicas dos jogos Pan-Americanos do Brasil —, meta física, eu digo técnicas, não físicas, metas técnicas, desculpa —, que se realizaram, qual foi a evolução e quais são as expectativas até 2016? Fale rapidamente, se puder.

Há outra questão que eu queria abordar é essa questão de recursos: Qual foi também a evolução dos recursos despendidos ao longo desse período? E se é possível medir o custo-benefício de tudo o que foi realizado. Eu fiquei assim bastante impressionado com a organização que está prevista. A gente tem acompanhado um pouco dos Jogos Olímpicos e, muitas vezes, as notícias saem muito mais direcionadas para os problemas, para aquelas questões que o Brasil, infelizmente, tem e vai continuar tendo. Mas eu acho que houve uma grande evolução. Eu acredito que diferentemente do futebol, que sempre se considerou



apartado e blindado, digamos assim, de qualquer interferência de fiscalização e tal, o fato de os esportes olímpicos terem recursos públicos investidos e também de patrocínios fez com que o TCU e outros órgãos acompanhassem e isso acho que ajudou bastante para não haver uma distorção, um desvio como esses escândalos que nós estamos vendo. Então, eu queria ouvir um pouco realmente dessa questão das metas, como isso impacta. Eu só fiquei com uma dúvida sobre a preparação. A preparação e a seleção estão sendo feitas nesses locais que foram mostrados pela Adriana — Curitiba, São Paulo. Depois, todos ficam no Rio. Ah, então. Haverá competições fora do Rio de Janeiro, não é? Só o futebol? Ah, então. Você pode só falar um pouquinho disso? Obrigado!

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Com a palavra o Deputado Arnaldo Jordy.

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, eu vou ser brevíssimo, até porque estou presidindo — estive aqui cedo, cumprimentei os nossos convidados que estavam também cedo, tomei um café, trocamos algumas ideias — a uma audiência pública, de cujo requerimento eu fui o autor, na Comissão de Minas e Energia; e pedi uma licença lá para vim aqui apenas para não perder a oportunidade de, publicamente, revelar a minha satisfação que é igual a dos nossos Deputados que já falaram de tê-los aqui, a Adriana, o Marcos, o nosso Bernard e, mais uma vez, o Comitê Olímpico Brasileiro participando desse diálogo aqui com a Comissão de Esportes da Câmara dos Deputados. E, além da troca de experiências, é uma satisfação rever pessoas eu foram absolutamente emblemáticas e referências para toda uma geração de brasileiros até hoje e hoje exercendo.

Bom, mas eu vou ser cirúrgico em três observações. Acompanhando aqui o nosso amigo Sílvio, eu não ia falar nisso, mas já que foi tocado, não posso também assistir a este funeral sem soltar uma lágrima.

Eu acho que este é um debate que nós já tivemos aqui na Comissão em outros momentos, com o Deputado Deley e os outros colegas, mas não há dúvida de que nós podemos ter inúmeras experiências de pessoas sem formação e sem qualificação do conhecimento conceitual absolutamente exemplares no resultado e



no exercício da sua atividade. E o inverso também, pessoas que têm todo um currículo acadêmico, conhecimento, e são absolutamente desastrosas.

Mas, evidentemente, isso não responde pela regra do jogo, é só colher a experiência civilizatória do mundo em que os países, em que as sociedades, em que as agregações humanas desenvolveram, a partir do esporte, êxitos, e êxitos a partir de critérios que são universais. Não há dúvida de que nós não podemos tomar a exceção como regra! A regra é a combinação da experiência e do conhecimento! Essa é a regra absolutamente inquestionável!

E eu acho que nós precisamos perseguir isso sem desprezar nem uma coisa nem outra, mas nós temos que prestigiar essa combinação! Não há no mundo complexo de hoje — e, cada vez mais, se isso já era uma verdade desde sempre no mundo —, na sociedade complexa de hoje, cada vez mais interdependente, cada vez mais mediado o sucesso pelo conhecimento, nós não podemos prescindir disso! Quem insistir nessa improvisação “vai dar com os burros n’água”, como se diz na gíria, essa é a minha opinião.

Segundo, o que eu queria colocar é o seguinte, nós precisamos colher a partir desta... O que está previsto para 2016, está previsto — os calendários, o que vai acontecer —, agora, há apenas tarefas de ajuste, está certo? Apressa-se aqui o passo, ajusta-se mais aqui. Não há mais o que fazer do ponto de vista de se conseguir grandes resultados, o nosso acúmulo, 80% já está produzido, vamos apertar o cinto aqui.

O que me preocupa, o Deputado Hélio Leite colocou e outros também, é o que nós podemos aperfeiçoar em nosso sistema a partir desse *upgrade* que as Olimpíadas vão proporcionar ao Brasil? Não só do ponto de vista de resultados técnicos, de eficiência técnica, mas também do ponto de vista do que isso mexe com o imaginário de toda uma geração de jovens que hoje está excluída da prática do esporte no Brasil.

A maioria dos jovens brasileiros está excluída de qualquer integração pela via da prática desportista — esse é um traço que a gente quase não discute. Como é que nós vamos fazer com que o nosso rendimento de qualidade possa ser resultado de uma escala de prática esportiva maior?



O que é que nós podemos, a partir dessa experiência, desse estímulo e dessa motivação, que não é só dos que praticam o esporte — as Olimpíadas vão mexer com a consciência nacional, o Brasil é um país que se move facilmente por isso, não só pelo futebol —, o que é que a gente vai poder reformatar do nosso modelo sistêmico de prática, o que é que nós podemos colher com essa experiência?

Isso para mim eu acho que é o mais importante! Para a gente conseguir continuar dialogando com os senhores, que estão na ponta desse experimento, o que é que a gente pode, depois, aperfeiçoar do ponto de vista da legislação, da prática gerencial? Aqui para nós, o Brasil, nos últimos anos — de 1990 para 2015, são 25 anos —, em 25 anos, nós oscilamos entre o 54º lugar e o 16º! E o 16º, que foi a melhor posição do Brasil no *ranking* de uma Olimpíada, não é a nossa média. A nossa média é 27º, 22º, 23º, esta é a nossa média!

O País que tem a 7ª economia do planeta! O País que tem condições absolutamente mais favoráveis de que tantos outros do ponto de vista climático, do ponto de vista da sua formação étnica, do ponto de vista de ter uma língua única, do ponto de vista de ter condições para a prática do esporte absolutamente excepcional em relação a outros. Nós estamos no fim da fila do ponto de vista dessas referências. Repito que nós temos o 7º PIB do planeta e não conseguimos...

(Não identificado) - Está indo para o 8º...

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Está indo para o 8º. Tudo bem. O que eu quero dizer é que essas referências são incompatíveis, do ponto de vista da comparação. Nós precisamos aproximar um pouco mais isso.

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. DEPUTADO ARNALDO JORDY - Daria para fazer mais um seminário. No mais, quero desejar sucesso à equipe e ao Comitê Olímpico Brasileiro pelo resultado que possamos obter. Eu não tenho dúvida de que vamos melhorar isso com o esforço de vocês. Que a gente possa, a partir do exemplo do que os senhores estão fazendo, se espelhar para que haja uma nova produção, inclusive gerencial do nosso esporte.

Eu não vou falar do 7x1 porque já foi falado e em toda audiência aqui a gente fala do 7x1, mas o que acontece na CBF agora, o que aconteceu na Federação de



Vôlei, o que aconteceu... Se a gente for falar por aí, a nossa capacidade gerencial é trágica. É mais das páginas policiais do que propriamente do caderno de esporte, em alguns aspectos, não querendo, claro, generalizar.

Portanto, parabéns, Sr. Presidente. Esta é uma das provocações que deixo aqui para refletirmos.

O SR. DEPUTADO DELEY - Presidente, eu me reescrevi. Eu peço até licença aos nossos convidados em que pese serem importantíssimos. Ou seja, dentro desta discussão, o tema não era esse?

Primeiro, Deputado Silvio Costa, cito a questão da pedofilia. Este, inclusive, foi um argumento que achei horroroso por parte do Presidente do CONFEF. Nós temos a pedofilia em vários segmentos, até na igreja, na Câmara, em qualquer lugar. Então, eu acho que a gente não pode partir deste princípio.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - A igreja também tem gente mal formada.

O SR. DEPUTADO DELEY - Nós temos em todos os segmentos, mas o que eu quero só dar um exemplo ao Deputado Evandro Roman. No Bayern de Munique, por exemplo, os seus dirigentes, do início ao fim, são ex-jogadores de futebol.

Eu não estou dizendo, como disse o Deputado Arnaldo Jordy. Se eu fosse contratar alguém, se eu fosse Presidente de algum clube, Evandro Roman, nenhum seria contratado se não tivesse jogado.

E te digo mais. Professor de educação física entra para o futebol na época da ditadura militar, quando ele começa a ter o seu espaço. E te falo que, se nós perdemos muitas das nossas características, das belezas que nós tínhamos dentro do futebol, isso se deve muito a esse profissional começar a querer ser treinador. Esta é uma opinião particular. Dentre os que não jogaram e que estão aí como treinadores, são raríssimos os que realmente entendem um pouco.

Mas eu não quero me estender. Vamos ter o momento certo para falar sobre isso. Obviamente, a presença deles, querendo discutir a respeito deste assunto...

Só para terminar, quero mencionar a questão da psicomotricidade das crianças. Sabe com quem nós temos que brigar? Com a aberração que este Governo fez retirando a educação física do ensino fundamental. É outra conversa.



Esta é a grande aberração. Esta é a nossa grande briga. Contem comigo. O CREF sabe que pode contar comigo.

Mas, se partirmos do princípio do conselho, avisem ao Bernardinho que ele está fora. Ele está fora das Olimpíadas!

(Intervenção fora do microfone. Inaudível.)

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Vamos às respostas. Concedo a palavra ao Sr. Marcus Vinícius Freire.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Obrigado, Presidente. Muito obrigado a todos os Deputados pelo carinho e pelos elogios que fizeram ao Comitê Olímpico Brasileiro. É realmente um prazer para a gente estar sempre aqui. Sempre que nos convidarem, vamos comparecer.

Eu vou tentar concentrar a resposta e fazê-la o mais rápido possível. Adriana e Bernard me complementarão no que for necessário.

O Deputado Deley perguntou como os Estados Unidos vão para o pan-americano. Normalmente, depende da modalidade. Vão com a segunda força. Para eles algumas modalidades são classificatórias para a Rio 2016. Então, neste caso, eles vão com a primeira. O nosso é um caso completamente atípico porque nós temos a maioria das vagas confirmadas para 2016.

Então, nós vamos ter times ótimos, como o vôlei feminino de quadra, que vai com o time principal, o José Roberto e todo mundo. As finais da liga mundial vão acontecer no Brasil. O vôlei masculino vai com o time B. Inclusive, o Bernardinho nem vai ao Pan-Americano. O Rubinho vai dirigindo este time. Quanto à nataçã, ao mesmo tempo em que acontecem os jogos Pan-Americanos, acontece o mundial em Cazã, na Rússia, tanto que nado sincronizado, saltos ornamentais e polo aquático começam 5 dias antes da abertura.

A Adriana cuida do dia a dia, com as confederações. Com cada atleta, cada treinador, cada diretor técnico, nós estamos negociando o melhor. O nosso objetivo, e eu tenho repetido isso inúmeras vezes, é 5 de agosto de 2016. Então, o que for melhor para os jogos olímpicos a gente vai fazer no Pan. Se eu tiver que levar o primeiro, segundo, terceiro ou quarto time para o Pan e isso for um bom efeito para 2016, nós faremos. Então, negociado com cada delegaçã, cada técnico e cada



atleta, o nível técnico vai ser variável. A nossa meta continua a ser brigar com o Canadá pela segunda ou terceira posição.

A segunda pergunta do Deputado Deley foi com relação a modelos. O Deley deu uma informação importante, ou seja, eu faço parte de lá. Eu hoje estou na Comissão Nacional de Atletas, juntamente com o Bernard, e no Conselho Nacional do Esporte, participando deste pré-projeto de lei que está andando em relação ao Sistema Nacional de Esporte.

Esta é uma discussão. Eu fiz duas propostas lá de modelo. Hoje de manhã falei novamente com o secretário sobre o que pode ser mostrado lá. Para mim Austrália com a ASC — *Australian Sports Commission*, que é quem coordena tudo — é um ótimo exemplo. Outro exemplo é o Reino Unido, com o *UK Sport* e o *Sport England*.

Dei até alguns nomes das pessoas que poderiam falar deste assunto e entendo que as três conferências que aconteceram... Onde tem muita gente, dificilmente você vai sair com a solução. Neste caso, eu elogiei até o que foi feito. Eles fizeram grupo de trabalho com menos pessoas. E aí com o grupo de trabalho, e o Orlando conhece bem, eu acho que é mais fácil sair o resultado. O grupo de trabalho tem uma tendência a trazer...

Mas dificilmente a gente vai conseguir usar os modelos totalmente, sem fazer um *tailor-made*, sem tropicalizar o modelo para o Brasil, porque, no começo deste grupo de trabalho, lá, apresentaram um modelo canadense baseado em *high school* e *college*. No entanto, no Brasil, nós não temos absolutamente nada daquele caminho americano ou canadense. Então, acho difícil. A gente tem que tentar copiar de alguém. Tem que usar o melhor de cada um, que foi o que nós fizemos nos últimos 8 anos, dirigindo essa preparação para 2016, buscando as melhores práticas, tentando trazê-las para cá e tropicalizá-las.

Em relação ao vôlei, com relação à CBV, o vôlei hoje tem um novo executivo.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Posso só fazer um aparte com relação a essa questão do modelo canadense-americano. Quando ele fala em *high school*, a escola e a universidade, o aluno é obrigado a estudar e é caríssimo. Então, quando ele se torna atleta, ele tem uma bolsa de estudos que varia entre 40 e 100 mil dólares por



ano, o que significa uma economia estupenda para a família. Ou seja, é um estímulo muito forte para que o aluno se torne um atleta.

Simultaneamente a isso, ele também tem uma formação de primeira qualidade. Então, quando ele acaba a universidade, ele é um atleta de seleção ou de alto rendimento e, ainda assim, ele já tem uma profissão para exercer e continuar o trabalho, diferentemente do nosso problema, em que vivemos em um país de dimensões continentais, com desigualdades sociais tremendas. Não se pode comparar o interior do Nordeste com Sul e Sudeste. São questões alimentares, educacionais, equipamentos esportivos. São realidades completamente diferentes que a gente tem que tentar se adequar.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Em cima da delegação completa para Toronto, a gente pode falar que a grande maioria das modalidades vai com time A, entendendo que é importante como antecipação de uma experiência olímpica. É o último momento em que a delegação brasileira vai estar junta ao Comitê Olímpico antes dos Jogos Olímpicos. Então, é um momento importante e especial para todas as modalidades. Mas, obviamente, em cima do processo classificatório e da pontuação, o quanto o resultado do Pan-Americano implica em resultado ou classificação para os Jogos Olímpicos, algumas modalidades que têm sobreposição de campeonato, em cima do critério de classificação, estão escolhendo o modelo, em parceria com o COB.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Quem faz o calendário? É complicado, né? Um calendário coincidir com os Jogos Pan-Americanos, né?

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - É. Muito. E a gente está falando de entidades diferentes também. Uma entidade é pan-americana e a outra é internacional.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - E o pior desse calendário internacional é o que estamos falando. Tem atleta brasileiro que faz parte das Forças Armadas, (*ininteligível*) mundial militar, estuda em uma universidade e vai participar da *university*. Se ele está indo para o mundial de natação, é exatamente no mesmo período. Logo depois, há o mundial de atletismo, o mundial de taekwondo, mundial de boxe, mundial de esgrima. É um ano de mundiais. Todos eles são militares e alguns universitários.



Por isso, eu disse que nós convencemos todas as confederações e diretoria técnica de que o nosso foco é agosto de 2016. Vamos trabalhar para o que for melhor lá. Por exemplo, dentre os nossos nadadores de velocidade, o Cielo já disse que vai não para o Pan, mas vai para Cazã. O Thiago Pereira já disse o contrário. Por ser o maior recordista brasileiro de medalhas, vai ao Pan e depois, para Cazã. O garoto Matheus Santana provavelmente vai ao Pan, mas não a Cazã. Então, cada um está montando a melhor preparação, olhando o objetivo de agosto. Vamos continuar aqui.

(Não identificado) - E essa preparação fica a critério da confederação ou é do clube ou da universidade?

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - É uma estratégia com o diretor técnico da confederação, a equipe da Adriana, gerente-geral de planejamento esportivo, o treinador e o atleta. Falamos com cada um. É um trabalho muito complicado.

De vez em quando, vem a televisão, que eu vou falar mais à frente. Alguém perguntou sobre a força da mídia. A *TV Globo* não faz o Pan-Americano. Só a *Record* o faz. Então, o jornalista da *Record* diz que precisa que tal atleta esteja lá, mas não tem força nenhuma no nosso movimento. O nosso objetivo é Rio 2016, e aí o Pan é um passo pra lá.

A última pergunta do Deputado Deley foi a relação CBV, do Banco do Brasil. Eu acho que vale a pena convidá-los para esta Casa. Eles trocaram de executivo. O Ricardo Trade é hoje o executivo da CBV. Valeria a pena convidá-lo. O contrato não está cancelado. Eles tinham feito uma suspensão para fazer algumas ações. Fizeram as ações e o contrato voltou a funcionar. Mas eu acho que é um bom caminho o Ricardo vir aqui explicar o que é o novo comando da CBV hoje.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Só um aparte! Não é competência nossa responder isso. A gente está respondendo com o maior carinho porque se trata de outra entidade.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Estou dando uma sugestão.

O Deputado José Rocha falou no Top 10. Eu só queria aproveitar, e eles têm feito isso principalmente com a mídia, e dizer que a nossa meta é a Top 10 em 2016. Nós estamos focando em 30 medalhas. Quando a gente ganha 30 medalhas e como



somos muito fortes no coletivo, estamos falando de algo em torno de 150 medalhistas.

Então, nós teremos 300 atletas brasileiros que vão aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e não sairão de lá medalhistas. O pedido que nós estamos fazendo para a imprensa é para que comece a entender agora a meta de cada atleta. O nosso objetivo com os 450 é que eles tenham a melhor atuação da sua vida em casa, no Rio de Janeiro. Então, não vamos bater em quem ficar em 5º, 8º, 18º ou se a melhor atuação dele for em 59º no mundial.

Então, nós vamos municiar a imprensa com esses melhores resultados de cada atleta e da meta de cada um. Não adianta querer que o hóquei sobre grama brasileiro faça uma semifinal. Não vai fazer! Ele hoje é nº 39 no mundo. Se ele ficar em 12º, vai ser o melhor da vida e nunca mais vai ser de novo.

Então, faço um pedido à Casa para que a gente entenda isso. Vão ter muitos brasileiros, em uma delegação de 450, que vão voltar para casa, se Deus quiser, com a sua melhor atuação, mas sem medalha. Isso pra gente e para a evolução do esporte é muito importante.

Deputado João Derly fez a primeira pergunta sobre material. Nós vamos entregar toda a nossa apresentação do Power Point e várias outras planilhas, com informações sobre que dia e que horas o esporte chega, sobre a aclimatação. Informamos também se é em York, se é fora, se é no Canadá, se é nos Estados Unidos. Nós vamos entregar o material para vocês.

Em relação ao time Brasil a força e a razão, acho que a gente já explicou que o time vai misto conforme a modalidade e o atleta.

Em relação à alimentação e ar condicionado, imaginem a gente, quando nós fomos ao Pan-Americano de Caracas, não tinha nem janela no apartamento, em 1983. Não tinha coisa alguma de alimentação. Mas é importante salientar que o Presidente hoje do COB era o Presidente da CBV nesta época, e nós saímos da vila, que era um horror, para um hotel. Ficamos todos no mesmo apartamento. Na véspera da semifinal, a CBV bancou. Então, estamos falando de 30 anos atrás. O *(ininteligível)* teve essa ideia. Nós fomos para um hotel e ficamos todos juntos, diferentemente do que a gente faz hoje. E isso faz uma diferença! Queria eu estar jogando hoje ao invés de estar jogando 30 anos atrás.



Em relação às comissões técnicas, há algo em torno de 600 atletas e 300 treinadores, auxiliar técnico, preparador físico e fisioterapeuta. Essa proporção, 600 para 300, é o que o comitê organizador autoriza. E aí, dentro desses 300, tem todo tipo de pessoa — cuidador de cavalo, veterinário, médico, fisioterapeuta, massagista, técnico, auxiliar técnico, fisiologista, psiquiatra, psicólogo e assim por diante.

Quanto à alimentação, nós também temos todo o *menu* das seis vilas — uma vila e cinco subvilas. E temos a da York. Nós temos sete nutricionistas fazendo essa preparação para ver o que deve mudar, três vão estar com a gente e vão ficar dentro da York. Estrutura de vídeo de Londres. Deputado João Derly, isso já evoluiu, graças a Deus. Em Londres, não sei se V.Exa. acompanhou o que fizemos com o Judô, tínhamos todos os canais de televisão. Apareceu no videozinho ali, decuplávamos a imagem naquele momento. O cara estava lutando na arena... Alugamos um apartamento na frente da arena. Ele saía da sua luta, subia lá. Tinha um nutricionista para trocar a sua comida, o fisioterapeuta, o massagista para preparar. Enquanto isso, mandávamos da nuvem, do Crystal Palace. Levantávamos as lutas do cara que era próxima à luta dele. Lá, no apartamento que ele ia, tinha um *iPad* que o seu treinador baixava as imagens da sua luta que acabou de acontecer e do próximo adversário. Ele estudava, montava a tática e voltava para o ginásio para lutar de novo, porque o esporte deles é um esporte... Todo esporte de luta, a maioria dos esportes de lutas começa às 8 horas e às 20 horas você decide se é medalhista olímpico ou não e um dia depois de 10 anos de participação. Começa de manhã e acaba de noite. Então, alugamos esse apartamento e fazíamos essa jogada científica com as imagens do nutricionista, etc... Foi realmente a preparação do Brasil. Por isso, o recorde de medalhas — quatro medalhas — também do Brasil em Olimpíadas no Judô foi em Londres.

A SRA. ADRIANA BRANDÃO BEHAR - Além de todo esse cardápio, que já temos da Vila, da própria York, também já temos dos locais de competição. Então, entendendo o que vai ser oferecido nos locais de competição, já estamos nos alinhando com os técnicos necessidades específicas ou especiais para manter o atleta com uma boa alimentação, com um bom descanso no seu dia a dia, tanto de treinamento, quanto de competição.



O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Em relação à pergunta do Deputado Hélio Leite só quero dizer que na Diretoria Técnica dos Jogos Olímpicos de 2016 tem um paraense lá, Agberto Guimarães, que saiu do interior do Pará. Realmente, precisamos atender muito mais gente.

O objetivo do COB no seu Estatuto é o alto rendimento, mas temos em função da lei, o Ministro Orlando está aqui presente e foi uma das nossas forças nesse caminho, Jogos Escolares da Juventude. Movimentamos 2 milhões de crianças por ano para chegar à fase final.

Ontem apresentei aqui, porque hoje vamos falar mais de Pan e Olimpíada, de legado.

Apresentei um projeto que temos aqui, que é um judoca que toca lá, que é o Sebastião Pereira, campeão do mundo também, que se chama Projeto 2024 olhando para as próximas gerações. Vou pedir para a Adriana que mande esse material do Projeto 2024. Temos duas consultoras inglesas — Sue Campbell e Cris Nicolas — que fizeram isso nos últimos 20 anos no Reino Unido. É um ótimo exemplo que topicalizamos. Mostrei ontem que temos uma pirâmide no Brasil, em que a identificação de talentos acontece na escola, na praia, nas associações. Temos um alto rendimento, como o senhor falou, muito bem atendido. Mas no meio do caminho confirmação de talento e desenvolvimento de talento temos que achar uma saída e atender o Brasil inteiro, com certeza.

Em relação a sua pergunta também sobre isenção de IPI, somos completamente a favor.

Os impostos no Brasil, em relação aos equipamentos esportivos, encarecem de forma gigantesca. Qualquer diminuição de imposto em material esportivo...

(Não identificado) - Importado.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE -... importados, ou mesmo IPI... O imposto que puder abaixar para nós em material para todo o mundo esportivo brasileiro é muito importante, Deputado.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Marcão, quero só fazer um aparte sobre o assunto do IPI.

Eu acho importantíssimo. É fundamental, mas temos que tomar muito cuidado para amarrar bem para que não existam pessoas interessadas. Se tiver fim lucrativo



já é um prejuízo grande, porque academia de ginástica, outros equipamentos vão faturar em cima.

O SR. DEPUTADO DELEY - Você acaba arrebetando a indústria...

O SR. BERNARD RAJZMAN -... Então, se amarrar, que sejam projetos sociais que tenham, de fato, uma checagem para que não se abra um buraco de renúncia de receita para o País que venha nos prejudicar.

O SR. DEPUTADO DELEY - E quebrar as indústrias locais.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Nesse caso, abre a discussão, porque as academias também promovem saúde. Então, é uma forma de a gente aumentar...

O SR. BERNARD RAJZMAN - Mas ela tem fins lucrativos?

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Tem fins...

O SR. BERNARD RAJZMAN - Tudo bem, mas tem que ter fins lucrativos...

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - ... É uma forma de fomentar o setor.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Acho que *(Ininteligível.)*

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Há uma discussão.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Tem que se discutir... discutir muito, porque outros também têm em vários segmentos. Agora, por que não fazer para outras máquinas se ela também promove um bem-estar social? É um assunto que tem que ser muito bem debatido para não ter erro.

O SR. DEPUTADO DELEY - Talvez para as Federações, Confederações...
Enfim...

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Sr. Presidente, quero só fazer uma colocação.

Estou pensando aqui como podemos reforçar cada vez mais o atendimento, a base da pirâmide *(Ininteligível.)*

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Perfeito.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Eu ia sugerir. Sei que a lei existe, mas vocês têm que buscar um mecanismo de atender, porque não estão fugindo da regra, porque só tem rendimento se houver base.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE -. Sem dúvida.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - O que eu iria sugerir a vocês até para poder discutir com outros segmentos também que vou sempre levar minha



proposta... Qual é? Hoje temos Brasil afora várias pessoas que estão buscando formatar uma escolinha de futebol, um judô, um boxe, todas as competições esportivas que têm. Eu ia sugerir a vocês, e até sugeri ao Ministério do Esporte, para nós começarmos a fazer cursos para treinador, para capacitar os treinadores, ou de escolinha ou do que tiver, para que eles tenham uma noção maior da questão.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Nós criamos. Nós temos.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Eles trabalham hoje na boa vontade; porque jogaram, porque têm o conhecimento e até porque têm aptidão pelo negócio, mas falta uma formação maior. Até para que eles possam ter a visão de quem são aqueles que terão maior rendimento.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Perfeitamente.

No nosso papel, eu ontem mostrei aqui, nós criamos o Instituto Olímpico Brasileiro. Lá dentro tem uma plataforma de transição de carreira para atleta; uma segunda, para gestores; e a terceira é exatamente isto, Academia Brasileira de Treinadores.

Mas aí nós caímos no problema que o Deputado Deley trouxe e que vocês precisam transformar em lei: para cursar a Academia Brasileira de Treinadores é preciso ser de formado em Educação Física, por obrigação do CONFEF e dos CREFs.

Nós estamos formando, já formamos mais de 300 treinadores em todo o Brasil, vários do Pará, vários da Região Norte, mas eu acho que essa sua demanda é necessária e tem que ser levada para a discussão que o Deputado João Derly abriu sobre o Novo Sistema Nacional de Esportes.

Essa lei está sendo modificada, inclusive propondo separar o futebol dos demais esportes, e tem que contemplar a base, senão nós não vamos adiante.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Ainda agora ouvi explicações de vocês e ouvi um negócio importante: falar do reconhecimento das Regiões Norte e Nordeste para poder ampliar.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Claro.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Eu queria colocar o Pará como sede de uma dessas capacitação, colocá-lo à disposição, para ajudar também, para estar presente...



O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Bom. Vamos fazer.

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Só para ter uma ideia, Bernard, nós acabamos de propor nesta Comissão — desculpe-me por querer falar —, mas eu propus levar a Lei de Incentivo ao Esporte para o Estado do Pará. Foi um sucesso a mesa redonda que fizemos lá. Veio gente de toda parte: profissionais, federações de clubes, associações. Foi um negócio muito bacana, e eu acho que, agora, se nós dermos sequência a essa semente que foi plantada, vamos fomentar cada vez mais...

Para se ter uma ideia, oito Deputados já me pediram a cópia do requerimento para levar o projeto para seus Estados. Então eu acho que isso é importante para acabarmos com essa desigualdade.

Se você quiser, nós estamos à disposição, bem como o Estado do Pará, a Secretaria do Esporte, a Assembleia, o Governador do Estado, para também servir de base.

Eu passo o meu cartão a vocês.

Muito obrigado.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - O secretário vai levar o nosso cartão para o senhor também.

O SR. BERNARD RAJZMAN - Marcão, só complementando o que o Deputado Hélio Leite falou. Com relação exatamente ao incentivo fiscal, essa é uma questão que ainda não é cultural dentre o nosso povo. Independente daquele 1%, pelo qual o nosso grande Ministro Orlando trabalhou como ninguém, bem como toda a comunidade esportiva, liderada pelo Nuzman, e que foi aprovado... Nós não sabemos ainda utilizar 1%, imaginem se fossem 4%, como era a proposta inicial! Então nós vamos tentar subir um pouco mais, porque assim começa-se a ter gente interessada em promover como se faz, a planejar, a fazer todo o processo.

Agora o grande maná dessa questão do incentivo fiscal, Deputado, em minha opinião, está na pessoa física. À hora em que alguém conseguir descobrir uma forma de fazer isso globalizado, por grupos... Você gostaria de repassar 6% do seu Imposto de Renda para o esporte ou preferiria dá-los ao Governo? Todo mundo vai dizer que quer dar para o esporte. Esse é o grande maná. Quem conseguir achar uma globalização, um limite, até 500 pessoas tal..., até tarara... Não sei como...



Estou chutando. Isso é o que não está sendo usado. A pessoa física é que faz o grande volume, somos milhões de brasileiros. Só não sabemos ainda como utilizar isso. Imagina a hora em que isso acontecer?

O SR. DEPUTADO HÉLIO LEITE - Bernard, só para contribuir? A primeira coisa: a lei é excelente; ela tem avançado cada vez mais; nós já começamos a falar do percentual de 1 para 4; vamos também discutir sobre a questão da pessoa física contribuir; e, mais ainda, eu com o Deputado João Derly, e outros que queiram aderir também, vamos fazer uma sugestão agora — até vou chamar o Deputado Orlando — à Comissão que está revendo a medida provisória para que seja embutido lá... A lei tem um prazo, então que seja um prazo indeterminado. Até porque nós podemos ter esse prazo indeterminado e depois fazer uma reforma, como você falou muito bem. Essa lei é excelente, o que está faltando é divulgação. Agora com esse gancho... Nós fizemos a primeira, vai ter a segunda, a terceira, a quarta, e eu acho que vai avançar muito mais.

O SR. DEPUTADO DELEY - Vocês combinam tudo isso com o Ministro Joaquim Levy, ouviram?

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - O Ministro Orlando vai falar?

O SR. DEPUTADO ORLANDO SILVA - Presidente, preciso falar por 1 minuto.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Vou permitir, Deputado. Deixe-os terminarem as respostas. Assim que eles concluírem, nós...

O SR. DEPUTADO ORLANDO SILVA - Claro.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Vou agora responder as perguntas do Deputado Evandro Roman. Ele falou em gestão esportiva.

Eu repito aqui: nós temos hoje um Curso Avançado de Gestão Esportiva, temos Fundamento de Administração Esportiva, que o Deputado João Derly já fez conosco. Transcript: É uma plataforma de ensino a distância, atende o Brasil inteiro. Claro que nós não temos uma quantidade tão grande de alunos, porque não é esse o nosso foco, mas já se formaram, no Instituto Olímpico Brasileiro, mais de 200 gestores que hoje estão trabalhando no Brasil.



Ele perguntou sobre a mídia, porque não está ouvindo nada sobre o “Pan” na TV Globo. A TV Globo não detém os direitos de transmissão dos jogos Pan-Americanos de Toronto. Quem comprou os direitos foi a Rede Record. Ele vai ter que dar uma zapeada para achar... Ou na Rede Recorde ou no Sport TV, que são os dois grandes transmissores do Pan-Americano de Toronto. A Rede Record comprou não só os direitos de transmissão dos jogos de 2015 como os de 2019 também, em Lima, no Peru.

As perguntas do Deputado Silvio Torres. A primeira foi em relação a ministrar cursos. Nós estamos indo nesse caminho. Estamos abrangendo cada vez mais pessoas.

O senhor perguntou sobre metas técnicas. Então, a meta para o Pan-Americano é ser Top 3. Vamos brigar com Canadá e Cuba. Nos últimos Pan-Americanos, nós ganhamos 141 medalhas e deveremos ficar em torno disso ainda. Os Estados Unidos, lá na frente. Brasil, Canadá e Cuba ganharão entre 120 e 140 medalhas e, depois, os países sul-americanos.

Nos Jogos Olímpicos, o número que o Deputado Arnaldo Jordy nos deu é em relação à medalha de ouro. Nossa posição é sempre mirar o total de medalhas. A melhor colocação do Brasil foi décimo-quarto e não décimo-sexto. Ele falou do total, e nós estamos mirando o décimo. O décimo-quarto lugar logrou 17 medalhas, a décima posição, então, deve alcançar algo em torno de 28, 29 ou 30 medalhas em 2016.

A última pergunta do senhor quanto ao recurso investido, custo-benefício, se nós vemos evolução. Com certeza. O primeiro melhor ano da história olímpica do Brasil — ontem, o Leyser falou sobre isso aqui —, foi 2013. Um ano depois de Londres. E nós ganhamos 27 medalhas em mundiais. O melhor ano do Brasil, até então, foram 11 medalhas, depois da Olimpíada de Atenas. Em 2014, nós ganhamos 24 medalhas em mundiais. Não dá para comparar o 27 com o 24, porque são anos diferentes de calendário, mas dá para comparar com o segundo melhor ano do quadriênio olímpico do Brasil, que foram só 9 medalhas. Então, de 11, saltamos para 27; de 9, saltamos para 24, o que mostra o caminho em direção a um custo-benefício muito bom desse investimento, principalmente da Lei Agnelo/Piva, da Lei de Incentivo ao Esporte e dos convênios com o Ministério do Esporte.



Eu olho sempre para o Deputado Orlando, porque ele foi um dos grandes agentes que consegui montar essa união entre as forças dos agentes no Brasil.

Em relação à pré-games, a Adriana vai passar todas as planilhas de datas, horários e locais onde as modalidades irão treinar, qual período treinarão no Brasil, qual período treinarão fora do Brasil e em quais cidades.

E, o último Deputado, foi o Deputado Arnaldo Jordy, que fez algumas perguntas. Eu concordo com ele, só para falar de educação física — não vou entrar na briga de vocês —, mas eu concordo com ele, experiência e conhecimento são muito importantes. Essa é a nossa briga. Eu, por exemplo, tenho formação em Engenharia, Economia, MBA e Marketing. Trabalhei 16 anos no mercado de seguros e estou aqui tocando o maior projeto esportivo do Brasil, juntando experiência com conhecimento. Eu acho que tem um caminho, e nós temos que achar como percorrê-lo.

Com relação a aperfeiçoar o sistema, eu ontem falei um pouco do legado. Queria dizer então que nosso foco é medalha, mas nossa meta — vocês estão aí com o mapa estratégico — é tornar e manter o Brasil... Quando falamos em manter, estamos falando em deixar isso aqui, por muito tempo, lá na frente.

A briga é a discussão entre o PIB esportivo e PIB do País em relação ao esporte. Isso vale uma conferência de 2 ou 3 dias. Não dá para fazer essa comparação. Eu sou economista, e não dá para comparar o PIB do País com o resultado esportivo do País. Nosso PIB esportivo é ridículo perto do nosso PIB. O investimento em educação... Se nós estamos querendo ser o décimo melhor no esporte, eu queria ser o décimo melhor em segurança, eu queria ser o décimo melhor em saúde, eu queria ser o décimo melhor em transporte. Coisas que são muito difíceis, mas quando nós chegarmos lá, com certeza o esporte estará lá também.

Em relação a aperfeiçoar o sistema, eu ontem falei de legado, falei de maturidade das entidades — não estamos olhando só medalhas —, falei de formação de recursos humanos, falei das futuras gerações com o Projeto 2020-24, que a Adriana também vai remeter à Comissão, e, por último, instalações e como nós pretendemos usá-las.



Acho que assim completamos. A Adriana quer acrescentar alguma parte aqui?

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Antes de passar para o próximo, eu só gostaria de... A meta Top 3, do Pan-Americano, significa passar Cuba, é isso?

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Exatamente. Passar Cuba. Passar Cuba e não perder para o Canadá.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Não, desculpa, mas Cuba, eu acho, está em declínio. Ela já vem perdendo. E onde que isso mostra que melhoramos? Porque comparar com Cuba... E a Argentina também que era uma ameaça...

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - (...) Perfeito. Não é mais. Argentina, Colômbia, Venezuela eram ameaça, não são mais. Cuba vem descendo, mas continua tendo uma história grande, principalmente nos esportes...

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Então nós já somos três garantidos, eu acho. Não há com quem competir.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - É uma briga com Canadá e Cuba. Mas o que eu ia dizer? Tenho que juntar duas respostas que dei aqui. Uma é que eu não vou com a minha maior delegação. Eu não estou preocupado em ser o segundo, ou em ser o terceiro, ou em ser o quarto, desde que, em 2016, eu seja o décimo. Esse que é o resumo da nossa conversa.

O SR. DEPUTADO SILVIO TORRES - Exatamente, até porque a meta três já está garantida. Então, estrategicamente, é melhor reforçar isso.

O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Perfeito. Pode ser que eu não leve o meu melhor atleta ou o meu melhor time de um esporte. O Canadá precisa levar o melhor, Cuba precisa levar o melhor para poderem conseguir classificar para o Rio. Isso importa menos do que o resultado do Rio. A estratégia é exatamente a mistura dos dois. O senhor está completamente correto.

Muito obrigado, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Com a palavra o Deputado Orlando Silva.

O SR. DEPUTADO ORLANDO SILVA - Presidente, serei breve. Quero apenas fazer, digamos assim, um registro e participar de uma polêmica que já ouvi aqui mais de uma vez.



Quero cumprimentar o Bernard, a Adriana, o Marcão; cumprimentar a Comissão pela iniciativa e dizer que, primeiro, eu estou muito feliz em acompanhar o desenvolvimento do esporte olímpico brasileiro. Só não vê quem não quer. Só não vê quem não quer a elevação do nível técnico do esporte olímpico brasileiro. Você pode medir pelas competições mundiais de cada modalidade e perceber a evolução em todas elas. E não importa, a meu juízo, a conquista de medalhas. Evidente que é bonito, todo mundo se emociona em ouvir o hino nacional, com o atleta no ponto máximo do pódio, é lindo, mas o que importa é que nós percebemos, em todas as modalidades, uma evolução técnica.

Nós, eu acredito, temos que, primeiro, competir pensando em nós mesmos, em superar cada marca que nós alcançamos no momento anterior. A delegação olímpica brasileira, em 2016, evidentemente tem um desafio histórico, porque vamos jogar em casa, vamos ter um ganho adicional que é a nossa torcida, a vibração, a energia, o conhecimento dos espaços onde vamos competir. Tudo vai se somar, mas creio que nós temos que buscar a nossa superação.

Foi dito aqui algo que eu acho muito, muito importante. Tão importante quanto o resultado de 2016 é sustentar outro modelo que está sendo construído no Brasil. Isso é o que importa.

Eu assisti à Grécia ir bem. De que valeu? Basta observar a Olimpíada seguinte. Eu acompanhei a Espanha ir bem. De que valeu? Eu creio que temos que mirar na Austrália, que chegou e ficou; na Coreia do Sul, que chegou e ficou; no Japão, lá atrás, que chegou e ficou. Esse é o desafio que nós temos. A minha sensação, Presidente, é que a estruturação do projeto vai nesse sentido.

Então eu considero que o Brasil deve ter orgulho da preparação técnica que faz para os Jogos Olímpicos, para os Jogos Paralímpicos, no qual eu também tenho uma expectativa enorme com relação à nossa presença.

O esforço deve se sustentar. Por isso eu creio que o Congresso Nacional, a Câmara dos Deputados em particular, deve mirar e debater a sustentação dessa expansão técnica desse modelo novo, inclusive, no nosso ponto de vista, pensar no financiamento disso.

Eu sonho com uma ideia de ter 4% para o incentivo fiscal. Temo que, na conjuntura econômica dos tempos atuais, isso seja bem difícil de aprovar, mas



acredito que nós temos que, primeiro, renovar a lei, que vence este ano. Quem sabe expandir um pouco mais, porque temo que nós não tenhamos condições econômicas, no País hoje, para viabilizar isso. Mas creio que a sustentabilidade do modelo, buscar formas outras de financiamento é muito importante, e o modelo que o Comitê Olímpico e Paralímpico Brasileiro têm implementado é um grande aliado, porque, quanto mais transparência nós tivermos no modelo, vocês vão ganhar credibilidade desta Casa, da sociedade, do mercado.

Portanto, eu tenho muita alegria — devo dizer a vocês que eu me inscrevi basicamente para falar isso —, alegria de perceber que a plataforma que são os Jogos Rio 2016, que se projetavam lá atrás, na minha perspectiva, na minha percepção, já acontecem hoje. Nós já temos o que celebrar e celebraremos os resultados. Estou plenamente de acordo que não é justo um moleque de 18 anos ter sobre os ombros a responsabilidade de carregar as tristezas, aflições e angústias de 200 milhões de brasileiro. Não é justa essa responsabilização. Mas eu sei que cada um dos nossos meninos e meninas vão entrar em quadra, nos campos, nas piscinas, nas pistas e vão arrebentar. Essa é a minha percepção.

Na próxima oportunidade, Sr. Presidente, eu, que sou um membro informal desta Comissão, não tive o privilégio, porque o meu partido é representado aqui pelo Campeão Mundial João Derly, mas, sempre que posso, passo na Comissão, quero, fraternalmente, fazer um debate com o meu colega Deley, porque eu creio que nós no Brasil temos que nivelar por cima, ter objetivos elevados.

Quando se fala em Jogos Olímpicos, para mim, tem que se mirar no Japão, na Austrália, na Coreia. Nós temos que botar a molecada que faz esporte para estudar. Tem que ser obrigado a estudar, tem que ser natural um atleta ter formação superior, todos eles, inclusive atleta de futebol. E nós temos que batalhar para que aquele que tem mais inclinação para dar aula que faça Educação Física, que é um curso que vai prepará-lo mais para ser treinador.

Eu não estou querendo polemizar aqui, Sr. Presidente, só estou provocando o Deley, para abrir o debate, porque eu considero que temos que mirar num objetivo mais elevado e não vamos nos acostumar com que o atleta de futebol tenha 4, 5 anos de escolaridade. Não pode ser assim, tem que ter formação superior, sim. E, se quer ser treinador, que faça Educação Física. Olha que beleza!



Parabéns ao meu amigo Deley.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

O SR. DEPUTADO DELEY - Parece que eu não quero que ninguém estude. Isso não é verdade; muito pelo contrário.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Vamos fazer uma pauta específica.

O SR. DEPUTADO DELEY - Vamos ter que fazer brevemente, Ministro Orlando. V.Exa. sabe do meu carinho e de minha admiração. Mas, em primeiro lugar, vamos ter que brigar com esse Governo, que tirou a Educação Física do ensino fundamental. Essa é a nossa...

O SR. DEPUTADO ORLANDO SILVA - Deley, mas nós temos que ser honestos. Não foi esse Governo. Existiu, num dado momento, a exclusão da Educação Física como componente curricular obrigatório na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB, mas isso já foi corrigido há tempos e, salvo engano, foi ainda o Presidente Fernando Henrique Cardoso. Eu me lembro da LDB do Darcy Ribeiro, que foi sancionada pelo Fernando Henrique Cardoso, que já pós de volta a Educação Física como um componente curricular obrigatório das escolas.

O problema é outro. O problema é que muitas escolas do Brasil têm professores leigos, porque não temos, no País inteiro, professores de Educação Física formados. O problema é que nós temos nas nossas escolas falta de infraestrutura: faltam quadras, etc.. A lei já prevê, a prática que é outra história. Mas, é necessário que haja, carinhosamente, um terceiro debate, entre eu e o meu querido amigo Deley, grande brasileiro, grande tricolor.

O SR. DEPUTADO JOÃO DERLY - Presidente, eu acho que seria importante fazermos um convite para o Orlando está presente nesta Comissão. O PCdoB tem duas cadeiras nesta Comissão, mas acho que ele agregaria e ajudaria no debate profundamente, pela experiência, por ter sido Ministro. Seria uma honra termos o Orlando nesta Comissão.

(Não identificado) - Com certeza, Presidente. Para nós, seria uma honra, até pela sua experiência.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Finalizados os debates, passo a palavra aos expositores, para suas considerações finais.



O SR. BERNARD RAJZMAN - Eu queria agradecer mais uma vez a participação desta Casa, desta Comissão, que já falei anteriormente, histórica. Eu só queria deixar um final, que ontem não aconteceu, que foi o item mais polêmico das discussões, que foi exatamente a questão da poluição da Baía de Guanabara, que é inviável.

Ontem foi bem explanado aqui, pelo nosso Presidente Nuzman, a questão de que, na Baía de Guanabara, historicamente, não existe uma fiscalização e que existem cinco Municípios que dejetam, *in natura*, o esgoto direto. É uma questão que deve ser cultura e, no meu entender, tem que ser através de multa. Tipo o cinto de segurança, que passou a ser usado depois que começaram a multar. Depois que se criou cultura, não se sabe dirigir sem o cinto. É diferente.

Mas a principal mensagem que eu gostaria de deixar, Deputado Alexandre Valle, é a questão de que a Olimpíada não está indo para o Rio de Janeiro e nem para o Brasil para poluir a Baía de Guanabara, ela veio para o Rio de Janeiro para ajudar na despoluição, e os jornais colocam como se a Olimpíada fosse culpada pela poluição da Baía de Guanabara. O fato de termos ganhado a Olimpíada fez com que 50% da Baía de Guanabara já fosse considerada despoluída.

Então, o conceito é completamente diferente do que a mídia divulga. A Olimpíada veio para ajudar. Ela tentou e está tentando, da melhor forma, ampliar essa despoluição, para que possamos exatamente acabar com a celeuma que está diariamente nos jornais e que, em parte, é verdade, pelo verde, o ecossistema, a ecobarreira que está sendo criada, e essas coisas todas; a pressão dos atletas estrangeiros, que não têm experiência na Baía de Guanabara e que sabem que os atletas brasileiros conhecem como ninguém aquilo ali: as correntes, os ventos, outras coisas.

Então, é uma questão que o Comitê Olímpico Internacional já bateu o martelo, eu sou um dos membros que vota por isso, no Comitê Olímpico Internacional, e não adianta querer mudar. Milhares de campeonatos mundiais já foram feitos na Baía de Guanabara; o evento-teste, no final do ano passado, foi feito com brilhantismo impecável. Todos os jornais elogiaram, os atletas estrangeiros elogiaram, há gravações, mas hoje volta a celeuma dos ambientalistas que, também no seu papel, lutam, mas não podem prejudicar a Olimpíada.



O SR. MARCUS VINÍCIUS FREIRE - Queria só agradecer o convite e mais uma vez me colocar à disposição para qualquer item relacionado a esta Comissão. Estamos à disposição.

Desta vez só o Presidente recebeu a camiseta do Time Brasil, mas todos os senhores fazem parte do Time Brasil. Prometo que, na próxima, eu faço a conta e trago uma para cada um.

Muito obrigado pelo convite. Foi um prazer estar aqui.

O SR. PRESIDENTE (Deputado Alexandre Valle) - Antes de finalizar os trabalhos, quero agradecer a presença de todos, especialmente ao COB, ao Bernard, ao Marcus e à Adriana. Esta Comissão fica muito feliz pela presença de vocês aqui.

Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos, convocando os Srs. Parlamentares para reunião de audiência pública que debaterá o programa Bolsa Atleta, a ser realizada no dia 2 de junho, às 14 horas e 30 minutos, em local a definir, lembrando os membros da Subcomissão Especial do Plano Nacional do Desporto que haverá reunião ainda hoje, às 14 horas e 30 minutos, na sala da Comissão do Esporte, para discutir o cronograma e o plano de trabalho da Subcomissão.

Está encerrada a audiência pública.

Muito obrigado.